

Conselho Diretor Nacional
Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Wilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
Arlete e João Borges
Camila e Kleber
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
cep 36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -
Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -
amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

DESTAQUE EDITORIAL

O agir pastoral que integra e não
marginaliza 3

COMPORTAMENTO

Aldeia global 13
Cérebro se acostuma a atos
desonestos 15

SOCIEDADE

Tá certo isso, Arnaldo? 17
Em tempos hostis 19

ECONOMIA

A tolice das análises econômicas atuais 21

EDUCAÇÃO

Não e não 23
O gosto pela leitura 25
Questão de escolha 28

FAMÍLIA

Depressão e relacionamento 30

FILOSOFIA

Tocando a alma 32

POLÍTICA

A difícil reinvenção da democracia 35
A batalha do maracá 45
Instituições e direitos degradados 48
A Política sem guerra 50

ESPIRITUALIDADE

Religiões com divisões 53
Francisco, Jesus e as mulheres 54

POESIA 56

INSTITUCIONAL

Vamos falar de Pertença 60
Programa Nacional de Formação 62

N.E. — O III Seminário de Integração Nacional do MFC realizado em Santo André (SP) teve como tema: Acompanhar, Discernir e Integrar a fragilidade no Movimento Familiar Cristão à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Santo Papa Francisco, que foi objeto também de uma belíssima síntese escrita pelo Pe. Geraldo Martins Dias publicada na edição de dezembro da Revista Vida Pastoral, que abaixo transcrevemos.

O agir pastoral que integra e não marginaliza



Por Pe. Geraldo Martins Dias

O objetivo deste artigo é ajudar os agentes de pastoral a ter uma visão geral da *Amoris Laetitia* e apontar-lhes algumas chaves de leitura na perspectiva vivencial e pastoral. Início com breve contextualização do processo que a precedeu. Em seguida, dou uma visão geral de sua estrutura e convido o leitor a mergulhar em seu conteúdo em três momentos. No primeiro, veremos descobrir a intenção do papa ao reafirmar o pensamento da Igreja sobre a família. No segundo, busca-

remos as novidades apresentadas na Exortação para, finalmente, determo-nos nas chamadas situações “de fragilidade ou imperfeição”.

INTRODUÇÃO

Aguardada com expectativa e ansiedade, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal do papa Francisco *Amoris Laetitia* tem despertado grande interesse dos mais variados grupos. Muitos especialistas, teólogos, pastoralistas, sociólogos, entre outros, têm se pronunciado a seu respeito, avaliando suas novidades

e limites. Ofereço também minha contribuição, simples, despretensiosa, nascida de um olhar pastoral, e não acadêmico ou técnico. O objetivo é ajudar os agentes de pastoral a ter uma visão geral da Exortação e apontar-lhes algumas chaves de leitura na perspectiva vivencial e pastoral. Assim, apresento breve contextualização do processo que a precedeu para, em seguida, mostrar sua estrutura.

Iniciando a reflexão sobre o conteúdo do documento, convido o leitor a perceber, em primeiro lugar, a intenção do papa Francisco ao reafirmar o pensamento da Igreja sobre a família e a realidade que a envolve. Num segundo momento, desejo provocar a busca das novidades apresentadas na Exortação para, finalmente, deter-me na questão relativa aos que vivem nas chamadas situações “de fragilidade ou imperfeição”.

SURPRESAS DE FRANCISCO

“Deus surpreende-nos sempre, rompe os nossos esquemas, põe em crise os nossos projetos.” Essas palavras pronunciadas pelo papa Francisco na missa da Jornada Mariana, em outubro de 2013, bem que poderiam aplicar-se a ele mesmo. Afinal, desde que foi eleito bispo de Roma, Francisco não cessa de surpreender, seja pelos gestos simples e eloquentes, seja pelos pronunciamentos proféticos e ousados ou pelas atitudes que revelam sua determinação em tornar a Igreja “pobre para os pobres”, “em saída”, “hospital de campanha”, que dialo-

ga com o mundo e o serve tendo a misericórdia como sua “arquitrave”.

Não foi diferente quando anunciou o Sínodo sobre A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo, que se realizou em outubro de 2015. Nesse caso, a primeira surpresa foi seu desejo de ouvir “as bases” da Igreja por meio de um questionário aberto e corajoso, em preparação ao Sínodo. Essa atitude, própria de quem é livre no Senhor, revelou a convicção do papa. A segunda foi a realização de um Sínodo extraordinário que preparasse o ordinário com base nas respostas ao questionário sobre o tema enviado às dioceses do mundo inteiro. A terceira, segundo relatos de padres sinodais, ficou por conta da metodologia adotada no Sínodo, muito inspirada nas Conferências Gerais dos bispos da América Latina.

Por todas essas características e pela relevância do tema, é provável que esse tenha sido o Sínodo mais acompanhado pela população mundial desde que foi instituído, há cinquenta anos. É natural, portanto, que fosse aguardado com ansiedade e expectativa o documento que o papa publicaria após o Sínodo, como resultado de suas reflexões. Que surpresas sairiam das mãos e do coração de Francisco depois de ouvir os padres sinodais? O mistério se desfez no dia 8 de abril, pouco mais de cinco meses após o encerramento do Sínodo, com a publicação da Exortação Pós-Sinodal “A alegria do amor”.

Tão logo foi publicada, Amoris Laetitia tornou-se manchete na grande imprensa mundial, que, focada em apenas um aspecto do documento, condicionou o olhar dos mais desavisados a um único ponto do que disse o papa num texto de 325 parágrafos. Uma leitura apressada da Exortação, desaconselhada pelo papa (n. 7), privará o leitor da riqueza deste documento que, em muitos momentos, fala mais pelas entrelinhas, numa sutileza própria de quem quer propor caminhos novos sem rupturas, divisões ou traumas.

CONHECENDO PARA AMAR

A alegria do amor chama a atenção, em primeiro lugar, por sua extensão, com seus mais de trezentos parágrafos distribuídos em 9 capítulos e 200 páginas. Alguns capítulos têm a leitura mais pesada por causa de extensas citações, que somam 391 ao longo do texto. O destaque dessas citações fica por conta dos relatórios dos dois Sínodos, num total de 133 (53 de 2014 e 80 de 2015) e 142 dos papas Francisco (81), João Paulo II (51) e Bento XVI (10). Aparecem ainda entre os papas, mas com poucas referências, Paulo VI, Leão Magno e Pio XI. Citado 19 vezes, santo Tomás aparece especialmente no capítulo IV (15 vezes), em que Francisco discorre sobre “o amor no matrimônio”. Aparecem, ainda, entre as citações, Conferências Episcopais (9), o Catecismo da Igreja Católica (14), além de outros, incluindo o Vaticano II, especialmente a *Gaudium et Spes*, e até poetas.

A variedade de citações de nove Conferências Episcopais (espanhola, coreana, argentina, mexicana, colombiana, chilena, australiana, italiana e queniana) e de outros autores confirma o estilo de Francisco, que pensa uma Igreja realmente universal. Em capítulos como o primeiro, o quarto e o nono, em que cita menos ou nem cita os relatórios dos dois Sínodos, o texto é mais leve, de leitura mais agradável, além de profundo e atraente, como é próprio de Francisco. Nesse momento, especialmente, ele deixa falar sua alma de pastor que percorria as periferias de Buenos Aires para levar misericórdia aos que se encontravam nas “periferias existenciais”.

A disposição dos capítulos sugere que Francisco seguiu o método de ver, julgar e agir, tão próprio da Igreja na América Latina, mesmo considerando a inovação do papa ao abrir a Exortação com o olhar bíblico. Assim, o capítulo segundo (“A realidade e os desafios da família”) seria o ver; o terceiro (“O olhar fixo em Jesus: a vocação da família”), o quarto (“O amor no matrimônio”) e o quinto (“O amor se torna fecundo”) estariam na ordem do julgar; o sexto (“Algumas perspectivas pastorais”), o sétimo (“Reforçar a educação dos filhos”), o oitavo (“Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”) e o nono (“Espiritualidade conjugal e familiar”) apontam para o agir.

Perceber essa arquitetura da Exortação certamente facilitará sua

leitura e assimilação, mesmo que alguém opte por lê-la a partir do capítulo que tenha lhe despertado maior interesse.

NÃO REVOGAR, MAS APERFEIÇOAR

O processo de preparação e realização do Sínodo, nas suas duas fases, com grande colaboração da imprensa, ajudou a criar muita expectativa em relação a mudanças na doutrina da Igreja em questões relativas à situação dos que vivem sem o sacramento do matrimônio, no que diz respeito, especialmente, à sua participação nos sacramentos da confissão e da eucaristia. A expectativa não era menor também em relação à posição da Igreja sobre a união homoafetiva, o uso de contraceptivos e a participação dos homossexuais na comunidade eclesial.

O papa parece jogar um balde de água fria nos que alimentavam essa expectativa ou outras semelhantes quando afirma, logo no início de seu documento: “recordando que o tempo é superior ao espaço, quero reiterar que nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais” (n. 3). Ele deixa claro que não é sua proposta mudar a doutrina da Igreja nessas questões. Os caminhos parecem, então, fechar-se, mas imediatamente ele esclarece e revela o caminho que percorrerá ou convidará a Igreja a trilhar:

Naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e de práxis, mas isso não impede que

existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela [...]. Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais (n. 3).

Sua palavra faz-nos lembrar Jesus, no Sermão da Montanha: “Não pensem que vim revogar a Lei e os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17). Vai na direção de uma Igreja de porta aberta e não controladora da graça, como se fosse uma alfândega (FRANCISCO, 2013, p. 42). É com esse espírito que devem ser lidos especialmente os capítulos terceiro, quinto e oitavo, em que Francisco retoma a doutrina da Igreja sobre o sacramento do matrimônio e a vocação da família.

A diferença está no seu olhar de pastor, com o qual revisita o pensamento da Igreja e lhe dá uma roupagem nova, como ocorre ao dizer, por exemplo: “quando dois cônjuges não cristãos recebem o batismo, não é necessário renovar a promessa nupcial, sendo suficiente que não a rejeitem, pois, pelo batismo que recebem, essa união torna-se automaticamente sacramental” (n. 75).

O mesmo ocorre quando trata da chamada ideologia de gênero. “Uma coisa é compreender a fragilidade humana ou a complexidade da vida, e outra é aceitar ideologias que pretendem dividir em dois os aspectos inseparáveis da realidade” (n. 56). Ou ainda:

É preciso reconhecer que há casos em que a separação é inevitável. Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária, quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença (n. 241).

Ao que parece, o papa propõe retirar a ênfase que, por longo tempo, ficou na doutrina e trazê-la para a pessoa, a exemplo da prática de Jesus. Ele chama a Igreja a fazer uma autocrítica a esse respeito logo no início da Exortação, quando analisa a realidade e os desafios da família. “Muitas vezes apresentamos de tal maneira o matrimônio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação” (n. 36). E acrescenta:

Durante muito tempo pensamos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas. Temos dificuldade em apresentar o matrimônio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira. Também nos custa deixar espaço à consciência dos fiéis, que muitas vezes respondem o melhor que podem ao Evangelho no meio dos seus limites e são capazes

de realizar o seu próprio discernimento perante situações onde se rompem todos os esquemas. Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las (n. 37).

De maneira especial, o capítulo seis é um convite a rever a prática pastoral junto às famílias, constituindo referência de primeira grandeza, especialmente para os responsáveis pela preparação dos que são vocacionados ao matrimônio. A Pastoral Familiar e os movimentos ligados à família têm aí a novidade do olhar paternal, diria mesmo maternal, do papa sobre como guiar e ajudar os noivos, os casais e as famílias a fazer do matrimônio um caminho de santidade. O mais interessante é o tom terno e acolhedor dado pelo papa sobretudo a situações mais exigentes, que ele classifica como “algumas situações complexas” (nn. 247-252). É o caso, por exemplo, das famílias que vivem a experiência de ter em seu seio pessoas com tendência homossexual.

Reconhecendo tratar-se de uma questão difícil tanto para os pais quanto para os filhos, o papa mostra que a solução está na acolhida, e nunca na discriminação:

Desejo, antes de tudo, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar “qualquer sinal de discriminação injusta” e particularmente toda forma de agressão e violência (n. 250).

JEITO NOVO DE FALAR SOBRE COISAS ANTIGAS

Embora toda a Exortação seja merecedora de nossa atenção, dada a riqueza de seu conteúdo e o modo como é apresentado, destaco os capítulos primeiro, quarto e oitavo como os que mais evidenciam o estilo pessoal de Francisco. Ao contrário do oitavo, os outros dois trazem apenas brevíssima citação do Sínodo.

Inspirado no Salmo 128, o papa inicia sua Exortação percorrendo sobre quatro realidades fundamentais da vida familiar: o casal, os filhos, o sofrimento e o trabalho. Trata-se de um jeito novo e leve de falar da vocação da família à luz da Bíblia. Nada pesado nem maçante. Ele fala dos deveres do casal de forma mística: “O amor fecundo chega a ser o símbolo das realidades íntimas de Deus [...]. A capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por onde se desenrola a história da salvação” (n. 11).

Fonte salutar para a vida das pessoas e dos casais, de maneira particular, é o capítulo quarto, em que Francisco navega de forma poética sobre as virtudes do amor. Com seu jeito paterno de tratar o cotidiano, de maneira simples e direta, ele nos ajuda a mergulhar no profundo mistério do amor. Animamos a fazer uma revisão de como o praticamos em nosso dia a dia, ou melhor, de como às vezes nos faltam as virtudes que de fato caracterizam o amor cristão.

“Enquanto o amor nos leva a sair de nós mesmos, a inveja leva a centrar-nos em nós próprios” (n. 95), lembra ele, por exemplo, em relação à inveja, tão presente na vida humana. “Ser amável não é um estilo que o cristão possa escolher ou rejeitar: faz parte das exigências irrenunciáveis do amor” (n. 99), exorta acerca da amabilidade. “Deve-se evitar dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros” (n. 101), adverte em relação ao desprendimento que cada um deve ter de si mesmo. “Faz falta rezar a própria história, aceitar a si mesmo, saber conviver com as próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter essa mesma atitude com os outros” (n. 107), ensina sobre o perdão.

O NOVO OLHAR QUE PODE GERAR NOVA PRÁTICA

O capítulo oitavo é, sem dúvida alguma, o mais procurado da Exortação. Para os que só sentem segurança com normas bem determinadas, o papa foi uma decepção nessa parte. Afinal, ele não definiu o que pode e o que não pode com relação às situações concretas que angustiam pastores zelosos. Muitos desses pastores vivem cotidianamente o constrangimento de dizer não a casais sem o sacramento do matrimônio que se apresentam, seja para receber o sacramento da confissão ou da eucaristia, seja para ser padrinhos de batismo ou desempenhar outras atividades na Igreja. As famílias que protagonizam essas si-

tuações também devem ter sentido uma espécie de frustração, sobretudo se ficaram com a “verdade” divulgada pela imprensa acerca da Exortação.

Contudo, se soubermos ler bem o que Francisco propõe, constatamos que ele revoluciona na forma e no conteúdo. Antes de tudo, apresenta o princípio que deve fundamentar a ação da Igreja e, consequentemente, a de seus pastores: reintegrar, e não marginalizar. “O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém” (n. 296). Eis aí o critério à luz do qual todas as chamadas situações “irregulares” (entre aspas, como escreve o papa) devem ser tratadas.

Trata-se de integrar a todos, deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto de uma misericórdia “imerecida, incondicional e gratuita”. Ninguém pode ser condenado para sempre, porque essa não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem (n. 297).

O papa propõe, então, um itinerário a ser percorrido pelo pastor junto à sua ovelha mais sofrida a fim de ajudá-la a se encontrar no amor de Deus. O objetivo é integrar a ovelha ao rebanho, fazê-la sentir-se membro do redil. O discernimento é que iluminará a norma para levar à integração. Nesse sentido, toda

possibilidade parece aberta. É o que se pode deduzir quando fala a respeito dos “divorciados e recasados”:

A lógica da integração é a chave do seu acompanhamento pastoral, para saberem que não só pertencem ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas podem também ter disso mesmo uma experiência feliz e fecunda. São batizados, são irmãos e irmãs, o Espírito Santo derrama neles dons e carismas para o bem de todos. A sua participação pode exprimir-se em diferentes serviços eclesiais, sendo necessário, por isso, discernir quais das diferentes formas de exclusão atualmente praticadas em âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional possam ser superadas. Não só não devem sentir-se excomungados, mas podem viver e maturar como membros vivos da Igreja, sentindo-a como uma mãe que sempre os acolhe, cuida afetosamente deles e encoraja-os no caminho da vida e do Evangelho (n. 299).

Se, por um lado, o papa reconhece ser impossível estabelecer uma norma única para uma variedade de situações, por outro, ele encoraja a busca do discernimento para os casos particulares. Já que os graus de responsabilidade são diferentes (e isso é reconhecido pelos próprios padres sinodais), “as consequências ou efeitos de uma norma não devem ser necessariamente os mesmos” (n. 300). Eis a chave revolucionária da *Amoris Laetitia*!

Essa afirmação do papa fica ainda mais clara quando nos voltamos para a nota que a acompanha, de

autoria do próprio Francisco: “E também [as consequências e os efeitos] não devem ser sempre os mesmos na aplicação da disciplina sacramental, dado que o discernimento pode reconhecer que, numa situação particular, não há culpa grave. Nesse caso, aplica-se o que afirmei noutro documento [Evangélio Gaudium, nn. 44-47]” (nota 336).

A leitura atenta desse capítulo, especialmente por parte dos ministros ordenados, provocará revisão profunda no exercício de seu ministério em relação a esses casos que há anos os afligem, bem como aos que neles se encontram. Como não rever nossa posição quando o papa diz, por exemplo, que “já não é possível dizer que todos os que estão em uma situação chamada ‘irregular’ vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante” (n. 301)? Ou quando sustenta que o pastor “não deve sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais aos que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas” (n. 305)?

Este mesmo parágrafo 305 mostra que uma pessoa, “no meio de uma situação objetiva de pecado”, pode não ser subjetivamente culpável, vivendo assim na graça de Deus. O caminho é o do discernimento, e os padres são chamados a ajudar a trilhá-lo. Há uma nota explicativa dessa afirmação, de autoria do próprio papa, que merece toda a atenção. Segundo Todd A. Salzman e Michael G. Lawler (2016), essa nota oferece a possibilidade de

que casais sejam admitidos aos sacramentos em certas circunstâncias.

Em consonância com esse tema geral da misericórdia e caridade, ele [papa Francisco] ressalta que a eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. O papa não chega a expressar uma permissão geral da admissão à comunhão das pessoas divorciadas e recasadas sem anulação, mas está claro que ele deixa a admissão aberta em casos com discernimento. Não abre automaticamente a porta para a mudança, mas certamente nos informa onde está a chave da porta, a saber, como já explicamos, sob o capacho do discernimento pastoral orientado e da decisão de uma consciência informada.

O que deve prevalecer, portanto, é a misericórdia, e isso vai exigir da Igreja verdadeira conversão, uma vez que temos dificuldade, na pastoral, de dar lugar “ao amor incondicional de Deus”. “Pomos tantas condições à misericórdia que a esvaziamos de sentido concreto e real significado, e esta é a pior maneira de frustrar o Evangelho” (n. 311).

O caminho é longo e está apenas começando. A tríade estabelecida pelo papa Francisco – acompanhar, discernir e integrar – exigirá, sobretudo dos bispos e presbíteros, o compromisso de novas leituras e práticas sobre o que até então vigora nas orientações da própria Igreja. Os princípios estão postos, as diretrizes estão dadas. E tudo de acordo com

a prática de Jesus conforme nos ensina o Evangelho.

CONCLUSÃO

O que mudará na Igreja com a *Amoris Laetitia*? É difícil prever. Pode-se, contudo, afirmar que provocará muitas inquietações e suscitará novo olhar sobre questões que pareciam cristalizadas. Daí a esperança de que também ajude a descobrir novas práticas, considerando as brechas sugeridas pelo papa Francisco. Segundo Francis DeBernardo, em entrevista à revista *IHU*, *Amoris Laetitia* “pode transformar a Igreja se os bispos aplicarem os seus princípios nos cuidados pastorais”. Trata-se, em sua opinião, do documento mais poderoso publicado pelo papa Francisco. “Ele tem o potencial de transformar a Igreja. É um radical deslocamento do caráter julgador e punitivo do passado. Será o documento pelo qual Francisco será mais lembrado” (DeBERNARDO, 2016).

Bibliografia

DeBERNARDO, F. Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato. *IHU Online: revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 483, ano XVI, p. 45, abr. 2016.

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

SALZMAN, T. A.; LAWLER, M. G. Sinalização do início de abertura na Igreja. *IHU Online: revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 483, ano XVI, p. 30, abr. 2016.

Pe. Geraldo Martins Dias, presbítero da Arquidiocese de Mariana, é coordenador arquidiocesano de pastoral e pároco da Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana (MG). Formado em Jornalismo, foi assessor de imprensa e política da CNBB.

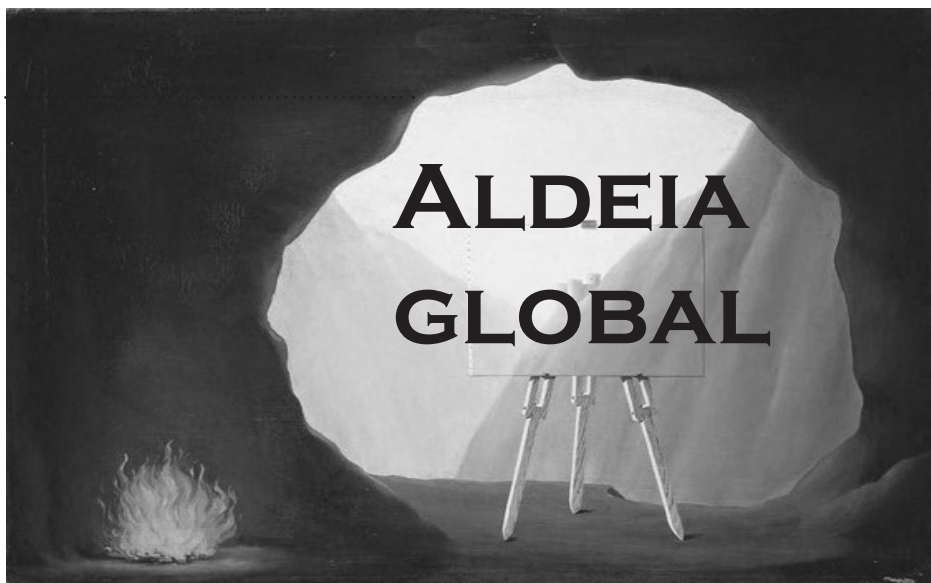
Transcrito de Vida Pastoral 312

Há três caminhos para a infelicidade (ou fracasso):

- 1 - não ensinar o que se sabe
(desconsiderar a generosidade mental);
- 2 - não praticar o que se ensina
(desconsiderar a honestidade moral);
- 3 - não perguntar o que se ignora
(desconsiderar a humildade inteligente).

Beda, monge beneditino inglês





Guilherme Wisnik*

Participei recentemente do ciclo de conferências Mutações, organizado pelo filósofo Adauto Novaes. Instigado a pensar os processos radicais de mudança de paradigma pelos quais passamos hoje, ensaiei essa reflexão, que condensarei aqui.

Na obra seminal “A condição Humana”, Hannah Arendt propõe uma importante diferenciação entre labor e trabalho. Labor é a atividade que produz bens para serem consumidos, alimentando o corpo e garantindo, portanto, a sobrevivência dos indivíduos e da espécie.

Já o trabalho constrói a artificialidade da vida, na forma de objetos duráveis que medeiam as nossas relações, tais como utensílios domésticos, edifícios, muros, cidades. Assim, enquanto o animal laborans é, simbolicamente, o camponês agricultor, o homo faber é o artesão, o

artista, o operário, o engenheiro, o arquiteto.

Do ponto de vista da história da civilização, é possível pensar a chamada “revolução urbana”, ocorrida há 5.000 anos na Mesopotâmia, como um momento de passagem da vigência do labor para a do trabalho. Isto é, das aldeias neolíticas autossuficientes, comunais e matriarcais para as cidades da Era do Bronze, impérios militares produtores de excedente e de comércio, socialmente estratificados e complexos, e dominados por muralhas, templos e palácios.

Há, nessa passagem, uma grande conquista civilizacional, através de revoluções técnicas, que rompem o equilíbrio de uma sociedade autossuficiente que se mantinha assim por milênios, levando-a ao colapso.

Contudo, sem querer negar os avanços contidos aí, Karl Marx vê

também, nessa passagem, uma espécie de pecado original da civilização ocidental, em que o comunismo é rompido em prol de uma divisão da sociedade em classes.

Mas no que isso tudo nos toca? Escrevendo no final dos anos 1950, em plena emergência da sociedade de consumo, Hannah Arendt enxergava um retorno do labor como valor social predominante, com a ascensão galopante do consumo, que punha (e põe cada vez mais) a perder o mundo da durabilidade longamente erigido pelo homo faber.

Trata-se, talvez, de figurar aquilo que, alguns anos mais tarde, Marshall McLuhan chamaria de “aldeia global”. Articulado ao fato de que, não por acaso, muitos teóricos falam hoje em um mundo da pós-cidade, ou da Necrópolis, onde o imenso espraiamento suburbano dissolveu a noção de cidade como recipiente, explodindo o próprio conceito.

O diagnóstico, como está claro, é sombrio. Consumo voraz, obsolescência, erosão da durabilidade, sacrificando o mundo do homo fa-

ber, que era baseado no ethos da necessidade, e não da abundância. Ocorre que, a meu ver, também é possível pensar essa mutação em uma chave mais construtiva.

Vejam os exemplos das fazendas urbanas em Detroit. A cidade do capitalismo industrial, arruinada no mundo pós-industrial, que se esvazia e é reocupada por pessoas que plantam para subsistência, em terrenos muito próximos ao centro de torres corporativas.

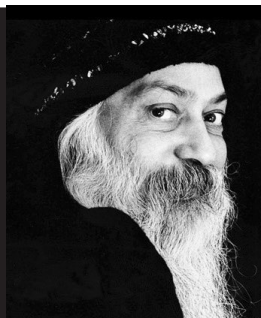
Há hoje, evidentemente, o surgimento de novas práticas autogestionárias e colaborativas, em espaço urbano, que se espelham de alguma forma no comunismo aldeão, como uma flor que surpreendentemente rompe o asfalto. Práticas que valorizam o processo, mais do que o produto, e que se voltam, por exemplo, à simples produção laboral de alimentos, em vez de commodities. Será que esse não é, de fato, um valor a se resgatar?

* Guilherme Wisnik é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e crítico de arte

Transcrito da Folha de São Paulo

*Se você tiver olhos vai ver
que cada momento é uma
surpresa, e nenhuma
resposta pronta jamais é aplicável.*

Osho





Cérebro se acostuma a atos desonestos

Suzana Herculano-Houzel*

A história é conhecida: mesmo os maiores salafários começaram pequeno. Um virar dos olhos para o outro lado aqui, um subornozinho ali, e logo estão tramando altos esquemas de desvio de verbas e corrupção. Por que pequenas desonestidades geram desonestidades cada vez maiores, numa bola de neve que só faz crescer?

Atos desonestos são inicialmente tão moralmente e emocionalmente perturbadores para o perpetrador quanto para quem ouve a respeito. A sensação de apreensão e angústia com a perspectiva de ser desonesto age como um freio importantíssimo: estudantes que tomam substâncias que reduzem a sensação de estresse tem o dobro de probabilidade de colar em provas, por exemplo.

O problema é que a desonestidade bem-sucedida se perpetua não só ao ser recompensada mas também ao encontrar cada vez menos objeção do próprio cérebro.

Este é apenas mais um exemplo de como o cérebro se modifica com seus próprios atos e fica cada vez melhor no que faz. Isso é o que mostra um estudo da University College London, no Reino Unido, que examinou a atividade na amígdala cerebral, estrutura envolvida na geração de respostas emocionais, como angústia e medo, a situações variadas.

Os pesquisadores avaliaram a ativação da amígdala enquanto voluntários em uma máquina de ressonância magnética funcional viam a imagem de um pote de moedas e orientavam um “parceiro” fora da máquina sobre quanto dinheiro haveria ali; voluntário e parceiro receberiam um prêmio dependendo de suas estimativas. A equipe constatou desonestidade crescente dentro da máquina – mas só quando os voluntários acreditavam que enganar o parceiro seria vantajoso para si mesmos.

O mais importante é que não só os pesquisadores observaram uma habituação da amígdala cerebral

a cada ato desonesto interesseiro, como essa habituação – conforme a amígdala se “acostumava” com a desonestidade – predizia corretamente uma desonestidade interesseira ainda maior da próxima vez.

É como se a amígdala, impune, fosse perdendo a vergonha a cada ato desonesto em prol de si mesma. A habituação explica a desonestidade crescente, mas claro que não a justifica. A lição mais importante é como é fundamental cortar o mal pela raiz.

Eu cresci pensando que o “jeitinho brasileiro” era uma demonstração bacana de como somos flexíveis, compreensivos e tolerantes no Brasil. Agora sei que é apenas mais um triste sinal do desrespeito pelas regras que impera no país, combinado à certeza da impunidade, e que só faz gerar mais desonestidade. Abaixo o jeitinho brasileiro!

** Suzana Herculano-Houzel
é neurocientista*

Transcrito da Folha de São Paulo

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.
Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas**

**Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**



Daniela Arbex*

O Brasil é mesmo um país onde tudo pode. Tá certo isso, Arnaldo? Bem, vejamos: aqui pode-se matar peto menos uma vez sem correr o risco de apodrecer na cadeia. O homicídio tem vários Atenuantes, já o tráfico de animais silvestres não. Na prática, matar gente dá menos bronca do negociar bichos. Embora seja abominável, os maus-tratos contra os animais mobilizam mais a sociedade do que o linchamento de um indivíduo, afinal de contas, quem foi morto mereceu o destino infeliz.

Nunca rne esqueci do dia no qual o homem que matou a esposa a facadas, na frente das filhas 7 e 9 anos, saiu andando impunemente da delegacia de Polícia Civil. O cabra entregou-se depois de expirar o tempo do flagrante e, usando o direito de responder ao crime em liberdade, experi-

mentou as benesses de uma lei que só funciona para pretos e pobres. Condenado em primeira instância, ele recorreu da sentença. Hoje, quase sete anos após o assassinato, continua usufruindo da liberdade dos culpados.

Mas não precisamos comentar isso, não é Arnaldo? Que tal, então, falarmos do rompimento do ordenamento jurídico brasileiro e de um Supremo Tribunal Federal que amarelou diante do Presidente do senado Renan Calheiros? Por seis votos a três, os ministros derrubaram a decisão liminar (provisória) do relator do caso, Marco Aurélio Mello, que havia determinado o afastamento de Calheiros do cargo. A ordem não foi cumprida pela Mesa do Senado. Mas a ordem serve para quê mesmo, Arnaldo? Sei lá. Essa gentinha teimosa ainda não se acostumou a ser filha do Brasil!

No país onde tudo pode, vemos Michel Temer colocar em votação, sem nenhum compromisso ai uma reforma da previdência que obrigará os brasileiros a trabalharem até os últimos dias de sua existência. Para ter direito a esmola da aposentadoria, o sujeito terá que contribuir por 49 anos. De vida? Não, de trabalho, claro. Como na época da

escravidão, o escravizado vai morrer na labuta e quando as forças lhe faltarem ele só fará fechar os olhos. Morte honrosa, afinal, o trabalho dignifica.

Tá certo, isso, Arnaldo?

* Daniela Arbex é Jornalista e escritora

Transcrito da Tribuna de Minas

Doenças que só o mineiro conhece:

Espinhela caída; Dor nos quartos;
Moleira mole;

Quebranto; Tosse de cachorro;
Passamento;

Frieira; Cobreiro de pé; Pereba;
Remela no zói; Gastura; Dor no pé da barriga; Impinge; Nó nas

tripa; Bicheira; Íngua; Empachado;
Fastio; Dor no espinhaço; Bucho quebrado; Calo seco;

Unha fofa; Berruga;

Barriga d'água; Difruço; Dor na pá;
Caduquice; Vista cansada;

Papêra; Juízo incriziado; Fervião no corpo; Iscuricimento do zóio;
Esporão de galo; Bico de papagaio; Dor na cacunda; Intalo;

Dor nas cadeira; Esquentamento; Solitária; Sapinho; Algueiro;

Estopor; Unheiro; Boqueira;

Calombo; Dormência;

Zóio nuviado; Água nas junta; Resguardo quebrado; Intupido;

Figado ofendido; Vêia quebrada;

Xilique





Em tempos hostis, desafio dos direitos humanos é aumentar sua audiência

Oscar Vilhena Vieira *

A Declaração Universal dos Direitos Humanos surgiu, há exatos 68 anos, como reação da comunidade internacional às atrocidades cometidas durante o período da 2ª Grande Guerra. Dos cerca de 45 milhões de mortos entre os anos de 1933 e 1945, mais da metade foi de nacionais, de diferentes etnias, liquidados pelos seus próprios Estados. Essa barbárie só foi possível graças a um contexto de exacerbação do nacionalismo, da xenofobia, do supremacismo racial e de um enorme ceticismo em relação à democracia e ao Estado de direito.

A partir da ideia de que toda pessoa é merecedora de igual respeito e consideração, foi possível

mobilizar as forças anticolonialistas, denunciar as barbáries cometidas por regimes autoritários de todos os matizes, promover a igualdade de gênero, assim como lutar contra a segregação e a discriminação racial. A declaração também ofereceu fundamento para que a democracia e as necessidades materiais básicas de todo ser humano fossem compreendidas como autênticos direitos. Embora nunca tenha deixado de sofrer críticas, à esquerda e à direita, e de ter diversas de suas ambições frustradas, a declaração constitui-se na principal âncora moral dessas últimas décadas.

Com o fim da Guerra Fria, houve um enorme otimismo em torno da ideia dos direitos humanos.

Nos anos 1990 as Nações Unidas organizaram inúmeras conferências internacionais sobre clima, populações, mulheres, racismo, todas elas centradas na valorização da pessoa. Esse movimento fortaleceu agendas progressistas ao redor do mundo, que buscavam se contrapor a alguns dos efeitos perversos do processo de globalização. A própria adoção das Metas do Milênio constitui um esforço para diminuir o fosso de oportunidades existentes entre os habitantes deste conturbado e injusto planeta.

Essa onda de cosmopolitanismo ético fomentado pela declaração parece estar lentamente perdendo sua vitalidade, especialmente nas velhas democracias do norte, que acreditávamos consolidadas. Uma nova retórica do ressentimento e da exclusão, pautada na volta do nacionalismo como ideologia, da xenofobia e do racismo como prática, e também do ceticismo quanto a capacidade da democracia de resolver os problemas básicos da sociedade, vêm crescendo, como aponta o último "World Values Survey". Também em países emergentes como Rússia, China, Índia e Turquia, essa retórica refratária aos direitos humanos ganha força, agora, porém, de forma afina-

da com os novos rumos da política norte-americana e europeia.

Paradoxalmente, na América Latina, com algumas exceções, as gerações mais novas têm lentamente ampliado sua adesão aos valores incorporados na declaração. O que mais preocupa na região, especialmente em seus dois maiores países, México e Brasil, é um profundo declínio na confiança em relação à capacidade das instituições em cumprir as suas promessas. Assim, embora sejamos um caldeirão de problemas, não fomos engolfados pela raivosa maré que nega a centralidade dos direitos humanos.

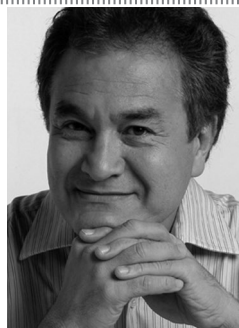
Nesse contexto hostil, o principal desafio dos direitos humanos é demonstrar a sua capacidade única de conciliar a promoção da diversidade à proteção da dignidade, ampliando a sua audiência, tanto em termos geracionais, como em relação a setores da sociedade que hoje se veem alienados por esse discurso.

** Oscar Vilhena Vieira formou-se em direito pela PUC-SP, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Oxford.*

Transcrito da Folha de São Paulo

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

Roberto Shinyashiki





Sigo com atenção as análises econômicas que se fazem no Brasil e pelo mundo afora. Com raras e boas exceções, a grande maioria dos analistas são reféns do pensamento único neoliberal mundializado. Raramente fazem uma auto-crítica que rompa a lógica do sistema produtivista, consumista, individualista e anti-ecológico. E aqui vejo um grande risco seja para biocapacidade do planeta Terra seja para a subsistência da nossa espécie.

Por Leonardo Boff

O título do livro de Jessé Souza "A tolice da inteligência brasileira" (2015) inspirou o título de minha reflexão: "A tolice das análises econômicas atuais". Meu sentido do mundo me diz que se não tomarmos absolutamente a sério dois fatores fundamentais, podemos conhecer cataclismas ecológico-sociais de dimensões dantescas: o fator ecológico, de teor mais objetivo e o resgate da razão sensível de viés mais subjetivo.

Quanto ao fator ecológico: em sua grande maioria a macroeconomia ainda alimenta a falsa ilusão de um crescimento ilimitado, no pressuposto ilusório de que a Terra dispõe de recursos igualmente ilimitados e que possui ilimitada resiliência para suportar a sistemática exploração a que é submetida. A maldição

do pensamento único mostra soberano desdém aos efeitos negativos em termos de aquecimento global, devastação de ecossistemas, escassez de água potável e outros, tidos como externalidades, vale dizer, dados que não entram na contabilidade das empresas. Esse passivo é deixado para o poder estatal resolver. O que deve ser garantido de qualquer forma é o lucro dos acionistas e a acumulação de riqueza em níveis inimagináveis que deixaria Karl Marx enlouquecido.

A gravidade reside no fato de que as instâncias que se ocupam com o estado da Terra, por parte dos organismos mundiais como a ONU ou mesmo nacionais que denunciam a crescente erosão de quase todos os itens fundamentais para a continuidade da vida (uns 13), não são tomados em conta. A razão é

que são anti-sistêmicos, prejudicam o crescimento do PIB e os ganhos das grandes corporações.

Os cenários projetados por sérios centros de pesquisa são cada vez mais perturbadores. O aquecimento, por exemplo, não cessa de aumentar como se afirmou agora em Marrakesch na COP 22. A temperatura global de 2016 ficou 1,35 C acima do normal para o mês de fevereiro, a mais alta dos últimos 40 anos. Os próprios cientistas como David Carlson da Organização Meteorológica Mundial, uma agência da ONU, declarou: “isso é espantoso...a Terra certamente é um planeta alterado”.

Tanto a Carta da Terra quanto a encíclica do Papa Francisco Laudato Si: como cuidar da Casa Comum alertam sobre os riscos que a vida corre sobre o planeta. A Carta da Terra (grupo animado por M. Gorbachev, do qual tenho participado) é contundente: ou formamos uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscamos a nossa destruição e a da diversidade da vida”.

Nos debates sobre economia, em quase todas as instâncias, os riscos e o fator ecológico sequer são nomeados. A ecologia não existe, mesmo nas declarações do PT, nas quais a palavra ecologia sequer aparece. E assim, gaiamente, poderemos trilhar um caminho sem retorno, por ignorância, irresponsabilidade e cegueira produzida pela volúpia da acumulação de bens materiais.

Donald Trump declarou que o aquecimento global é um embuste e

que cancelará o acordo de Paris, já assinado por Obama. Paul Krugman, Nobel de economia, já alertou que tal decisão poderá significar um grave dano aos USA e ao planeta inteiro.

Conclusão: ou incorporamos o dado ecológico em tudo o que fizermos, ou então nosso futuro não estará garantido. A estupidez da economia só nos cega e nos prejudica.

Mas esse dado científico, fruto da razão instrumental analítica, não é suficiente, pois ela friamente analisa e calcula e entende o ser humano fora e acima da natureza que pode explorá-la a seu bel-prazer. Temos que completá-la com o outro fator, o resgate da razão sensível, a mais ancestral em nós. Nela reside a sensibilidade, o mundo dos valores, a dimensão ética e espiritual. Ai residem as motivações para cuidarmos da Terra e nos engajarmos por um novo tipo de relação amigável com a natureza, sentindo-nos parte dela e seus cuidadores, reconhecendo o valor intrínseco de cada ser, e inventando outra forma de atender nossas necessidades e o consumo com uma sobriedade compartilhada e solidária.

Temos que articular os dois fatores: o ecológico (objetivo) e o sensível (subjetivo): caso contrário dificilmente escaparemos, mais cedo ou mais tarde, da ameaça de um colapso do sistema-vida.

*Leonardo Boff escreveu: Cuidar da Terra, proteger a vida: como escapar do fim do mundo, Record 2010
Transcrito do portal do Conselho Nacional do Laicato do Brasil*

NÃO E NÃO

Antônio Prata*

Assistindo a “Nemo” pela quinquagésima nona vez, meu filho enfia o dedo no nariz. “Não, filhote, dedo no nariz não pode”, digo – e sou tomado por um desconforto.

Alguns não eu falo com convicção: não pode mamar às três da manhã, não pode regar o aparelho da Net, não pode comer bola de gude, por mais que elas insistam em imitar lindas uvas ou jabuticabas. Essas não são proibições vazias: se meus filhos não tivessem só dois e três anos eu lhes explicaria direitinho as razões.

“Não pode mamar às três da manhã, porque se tiver tudo que quiser a hora que bem entender você vai crescer achando que a vida é um Club Med ‘all-inclusive’ e quando o mundo começar a te negar todas as mamadeiras que inevitavelmente te negará você vai ficar deprimidíssima e desorientada e vai terminar viciada em crack, em Negresco com Nutella ou coisa pior, tipo bingo – então abraça esse coelhinho e vamos dormir bem gostoso até amanhã, tá?”

“Não pode regar o aparelho da Net, porque ele é elétrico e vai causar um curto circuito e talvez pegue fogo no prédio e embora eu entenda que você queira regar todos os objetos à sua volta com o



regador da vovó Tuni pra ver se eles crescem ou florescem, melhor se restringir ao vaso de girassol. (Além do mais, te garanto por experiência própria que os botões do aparelho da Net não são do tipo que se abrem em flores).”

“Não pode comer bola de gude porque, embora o Homo sapiens seja onívoro, na ampla lista que inclui alface, boi, ouriço, ovo, alga, cogumelo e gafanhoto, não se encontra o vidro.”

Com relação a enfiar o dedo no nariz, contudo... Convenhamos: eu, você, o papa Francisco e o Wesley Safadão enfiamos, só não saímos por aí, tipo, admitindo aos quatro ventos num grande jornal de circulação nacional. Para ser coerente eu deveria dizer: “Filho: dedo no nariz é uma coisa que todo mundo acha nojento nos outros, mas não em si

próprio, de modo que só se faz escondido. Esse é um pacto silencioso da nossa espécie. Um segredo guardado pelos 7 bilhões de habitantes do planeta.”

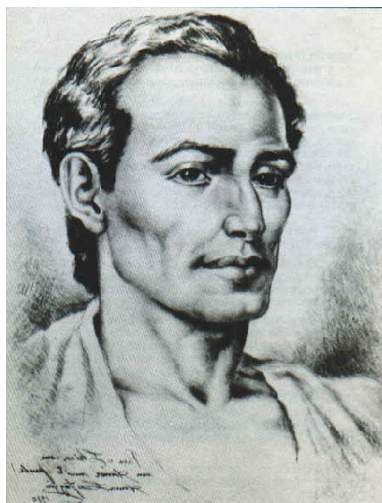
O problema de tal confissão é que ela me obrigaria a dar um segundo passo. “É o que chamamos de hipocrisia. Muito do que ensinamos a vocês é isso: hipocrisia. Quando a gente fala que tem que emprestar as coisas pros outros, por exemplo. Os adultos não agem assim. Veja: 1 bilhão de adultos têm um monte de coisas e 6 bilhões de adultos não têm porcaria nenhuma, mas esse 1 bilhão não empresta as coisas pros descoisados nem a pau. Quando a gente diz que só ganha sobremesa se comer brócolis, por exemplo, é outra tremenda hipocrisia. Ontem o papai e a mamãe saíram pra jantar e racharam um cheesecake do tamanho de um jabuti depois de comerem x-salada e batata frita, bebendo

cerveja. Quando a gente diz que tem que falar sempre a verdade, então, é a maior hipocrisia de todas. A gente mente a torto e a direito. Se todos falassem a verdade teríamos que admitir, por exemplo, que 1 bilhão de pessoas têm todos os brinquedos e não deixam os outros 6 bilhões brincarem, que a Gisele Bündchen põe o dedo no nariz ou que a mamãe do Nemo não está no trabalho, como sempre te digo, ela é devorada por um tubarão na primeira cena do filme, por isso toda vez nós começamos pelo minuto sete. Um mundo assim seria impraticável, não?”

“Ei, Dani. Tira esse dedo do nariz. Isso.”

* Antônio Prata é escritor. Publicou livros de contos e crônicas, entre eles ‘Meio Intelectual, Meio de Esquerda’ (editora 34).

Transcrito da Folha de São Paulo

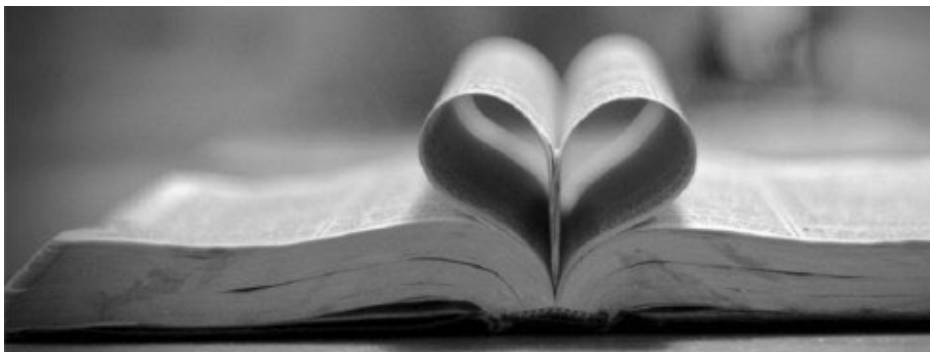


“Trabalha e confia, na certeza de que o senhor da Obra te observa e segue vigilante.

Não duvides, nem temas.

Dá o melhor de ti mesmo à seara da vida, e o divino lavrador, sem que percebas, pendurará nas frentes do teu ideal a floração da esperança e a messe do triunfo.”

Emmanuel



O gosto pela leitura pelos livros de Maria José Dupré

Jorge Coli*

Tive um sobressalto feliz ao ver o volume bem exposto na livraria. A vendedora sabia das coisas; era informada e tinha verdadeira cultura literária. Mas nunca ouvira falar. “Vou ler”, disse ela, “me interesse por coisas novas”.

Respondi que não era nada novo. Que havia sido um enorme sucesso no Brasil. Mas que a autora caíra num discreto ostracismo, a meu ver bastante injusto.

Tratava-se de “Éramos Seis” (Ática), escrito por Maria José Dupré, como a autora passou a assinar mais tarde. Nos tempos de minha infância e adolescência, as capas traziam “sra. Leandro Dupré”, forma meio pernóstica para os dias de hoje, mas que revela uma prudência de época. Interpreto como um aviso: “Atenção, sou mulher casada e séria”.

“Éramos Seis”, de 1943, fez sucesso imenso e internacional. Foi traduzido para muitas línguas, foi best-seller na Suécia e, em 1945, adaptado para o cinema, na Argentina, por Carlos F. Borcosque,

um diretor com relevo na história do cinema latino-americano. Bem que eu gostaria de ver esse filme, hoje raro.

Tornou-se também novelas, todas com sucesso. Lembro-me da primeira, em 1967, Cleyde Yáconis fazia o papel principal. A última, pelo que descubro, data de 1994.

“Éramos Seis” continuou com um novo romance talvez ainda melhor que o primeiro, “Dona Lola”, que se passa durante a Segunda Guerra Mundial.

Maria José Dupré, no entanto, não obteve o interesse da crítica mais séria nem dos estudos universitários. Há algumas razões para isso.

Uma delas é seu próprio sucesso. Desprezar a popularidade é um esnobismo intelectual. Ser fácil demais se torna pecado sem remissão. Lembro-me de uma grande professora, referindo-se ao meio universitário: “As pessoas adoram o que não entendem”. A recíproca é verdadeira. Maria José Dupré recebeu críticas violentas e venenosas saídas desse meio.

Monteiro Lobato assinalou pela primeira vez a clareza da autora. Diz, em carta a Godofredo Rangel: “Apareceu-nos uma senhora Dupré que está operando uma revolução literária. Está nos ensinando a escrever – e eu muito já aproveitei a lição. Revelou-me um tremendo segredo: o certo em literatura é escrever com um mínimo possível de literatura!”.

O romance foi descoberto com entusiasmo justamente por Lobato. Editor, recebeu os manuscritos e, sem conhecer pessoalmente a autora, escreveu um prefácio, e o publicou. Ora, o mundo literário da universidade, herdeiro dos modernistas, via Lobato, o inimigo, com desconfiança. Em resumo: Maria José Dupré nunca foi levada a sério pelos sérios. Não entrou para a história da literatura.

A cultura, no Brasil, teve, e tem, certa dificuldade em perceber o meio que a produz. Fechou os olhos para o mundo, preferiu os exotismos regionalistas ou de classe, os pitorescos arcaicos, tão aptos a criarem raízes nacionais ilusórias.

Maria José Dupré é alguém incomum nesse universo. Possui agudo sentido das descrições humanas e volta-se para o meio urbano, pintando com matizes as diferenças das classes sociais e as diferenças de gênero. Sua narrativa se desenrola sem alarde, despreocupada, como anotações despreziosas, como banalidades.

Pouco a pouco, porém, o leitor percebe não aventuras ou destinos excepcionais, mas uma sociedade inteira desenrolando-se sob seus

olhos. E a precisão dos registros o conduz para o âmbito da história: em seus diversos livros, a autora traça um caminho que vai do século 19 (em “Luz e Sombra”), até os anos de 1950. São minas de ouro para quem quiser constituir a história da vida cotidiana em São Paulo durante esse período.

Espanta-me que os estudos feministas não se tenham debruçado sobre essa obra com interesse maior. Todas as suas protagonistas, ou protagonistas-narradoras, são mulheres. A posição da mulher no divórcio, ou melhor, no desquite (“O Romance de Teresa Bernard”, “Vila Soledade”), a autonomia feminina (“Éramos Seis” é dedicado “às mulheres que trabalham”); sua situação dentro da família, desde menina, como moça, esposa, viúva, avó, são esmiuçadas. Até esse surpreendente romance, “Angélica”, politicamente incorreto, em que uma adolescente manipuladora e dissimulada inocula uma relação de violento erotismo na vida de um casal de professores sem filhos.

Há ainda seus livros infantis. Eles respondem à nossa percepção atual de respeito aos animais. Com seus pequenos heróis, os cachorrinhos Samba, Pingo e Pipoca, ela ensina a ética que nos humaniza.

Se eu quisesse dar a alguém o gosto pela leitura, começaria pelos livros de Maria José Dupré.

Jorge Coli é professor titular de história da arte na Unicamp e autor de “O Corpo da Liberdade” (Cosac Naify)

Transcrito da Folha de São Paulo

**Sempre dizer a verdade é importante e
pensar nas consequências também.
Se você mentir é melhor ter uma excelente razão...**

Um dia, um carpinteiro buscava madeira cortando o galho de uma árvore, ao lado de um rio. Por descuido, o seu machado caiu dentro do rio.



O infeliz carpinteiro suplica a Deus que lhe apareça e pergunta:

— Por que você está chorando?

O carpinteiro responde que seu machado havia caído no rio.

Deus entra no rio, do qual tira um machado de ouro e pergunta:

— É este seu machado?

O nobre carpinteiro responde:

— Não, senhor Deus, não é esse.

Deus entra novamente no rio e desta vez tira um machado de prata:

— E este é seu?

— Também não, responde o carpinteiro.

Deus volta ao rio e tira um machado de madeira e pergunta:

— É este teu machado?

— Sim, responde o carpinteiro.

Deus estava contente com a sinceridade do carpinteiro e o mandou de volta pra casa dando-lhe os 3 machados de presente.

Um dia, o carpinteiro e sua esposa estavam passeando nos campos quando ela tropeçou e caiu no rio. O infeliz carpinteiro suplica a Deus que aparece e pergunta:

— Por que você está chorando?

O carpinteiro responde que sua esposa caiu no rio e imediatamente Deus mergulha e tira a Luana Piovani do rio e pergunta:

— É esta sua esposa?

— Sim, sim, responde o carpinteiro, e Deus se enfurece.

— Mentiroso!!! exclama.

E o carpinteiro rapidamente se explica:

— Deus, me perdoe, foi um mal entendido. Se eu dissesse que não, então o Senhor me tiraria a Ana Paula Arósio do rio, depois, se eu dissesse que não, o senhor tiraria minha mulher e quando eu dissesse sim então o senhor mandaria eu ficar com as 3. Mas eu sou um humilde carpinteiro e não poderia manter as 3, só por isso eu disse sim para a primeira delas. E Deus o perdoou.

Moral da história: Os homens só mentem por causas nobres e com boas intenções!!!

Churchil

Questão de escolha

Rosely Sayão*

Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, jovens nem sabem que escolhem correr perigo

De vez em quando, reorganizo minha correspondência e anotações para identificar o que há de comum entre elas. Dessa vez, ao realizar essa tarefa, o que me chamou a atenção foram algumas correspondências de pais de adolescentes que relataram seus temores em relação à segurança dos filhos.

Quase todos os pais comentaram os estilos de vida que os filhos levavam, ressaltando as possíveis consequências que poderiam ocorrer em função do que faziam.

Alguns falaram das baladas nas madrugadas e outros levantaram

a questão da ingestão desmedida de bebida alcoólica nas festas e/ou do uso de algumas drogas ilícitas. Em minhas anotações, que faço após conversas que tenho em reuniões com pais, agrupei várias questões que trataram da falta de medo dos filhos frente à violência urbana e também em relação à prática de alguns esportes considerados radicais, ou seja, perigosos.

Notei também um tom de resignação desses pais em relação à vida dos filhos. É como se eles nada mais pudessem fazer pelos filhos, a não ser sofrer a dor de saber que eles estavam, permanentemente, em situações de risco. Vale a pena, portanto, pensarmos a esse respeito.

Viver o período da adolescência provoca um intenso encan-



tamento no jovem e, ao mesmo tempo, um grande temor. O mundo que descobrem, agora com o próprio olhar e com a possibilidade concreta de se relacionar diretamente, sem a mediação dos pais o tempo inteiro, é excitante e ameaçador.

Excitante porque é um mundo novo: onde os pais veem em problemas, eles enxergam desafios; onde os pais identificam dificuldades, eles podem antever superações, por exemplo. E por que ameaçador? Porque eles sabem, ou intuem, que se relacionar diretamente com esse mundo significa ter de bancar as consequências das escolhas que fazem.

Mas parece que eles não têm feito todas as escolhas que podem. Pelo menos, não escolhas que mostrem amadurecimento ou o uso de alguns conhecimentos que, em tese, já têm.

Será que os jovens sabem que, quando seguem o curso da vida do modo como ela se apresenta a eles, abdicam da liberdade de escolha?

Pelo jeito, os jovens não se dão conta disso, tampouco seus pais. Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, concepções e estilos de diversão e lazer, entre outras coisas que o grupo a que se pertence ou se quer pertencer valoriza, escolher não é uma questão.

Acontece que a vida que temos é, em grande parte, fruto das esco-

lhas que fizemos e fazemos. Viver é, cada vez mais, escolher.

Desde que acordamos até o final do dia, fazemos - por vezes somos obrigados a fazer - muitas escolhas. Por isso, é importante saber que realizamos tais escolhas, que devemos ter conhecimento das escolhas que fazemos e, principalmente, que só não escolhemos quando é impossível escolher ou quando alguém já escolheu por nós. E esse alguém não significa, necessariamente, uma pessoa.

E é nesse ponto que entra a participação dos pais na vida dos filhos jovens. Eles podem colaborar muito ainda na formação dos filhos apontando as escolhas que eles fazem, mesmo sem saber.

Saber que realizamos escolhas é o primeiro passo no trajeto que leva à realização de uma escolha bem informada. E, ressaltado, muitos jovens nem sabem que escolhem correr perigo, entrar em situações de risco ou mesmo que escolhem não escolher.

Praticar a liberdade de escolha na vida não é uma opção fácil, mas não praticar é muito, muito mais difícil. Os jovens precisam saber disso.

- *Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)*

Transcrito da Folha de São Paulo



Deonira L. Viganó La Rosa

Ouvindo o jornal da TV Cultura, chamou-me a atenção o Dr Paulo Saldiva, Diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, afirmando ser a depressão uma das grandes doenças do presente e do futuro, em todas as idades. É uma doença devastadora, embora muita gente ainda não acredite que ela exista.

A psicoterapeuta Sílvia Ivancko diz que o número de pessoas com depressão é alarmante, e que será o mal do século 21, juntamente com a síndrome de pânico.

O QUE É A DEPRESSÃO

Quimicamente, a depressão é causada por um defeito nos neurotransmissores responsáveis pela produção de hormônios como a serotonina e endorfina. Quando há algum problema nesses neurotransmissores, a pessoa começa a apresentar sintomas como desânimo, tristeza, distúrbios alimentares e do sono, falta de energia para atividades simples. Além disso, a depressão sempre tem, em sua raiz, algum motivo psicológico. “Ficar tentando descobrir se a depressão é desenca-

deada, primariamente, por motivos químicos ou psicológicos, é o mesmo que perguntar se o ovo veio antes da galinha. Na verdade, tanto a química cerebral altera nossas emoções quanto é alterada por elas. E essa história de que a depressão é doença de rico é mentira. Esta é uma doença que não escolhe idade, sexo ou posição social. Todos estão sujeitos, e muitos sofrem sem necessidade, simplesmente por não saberem que estão doentes”, afirma a psicoterapeuta Sílvia Ivancko.

DISTINGUIR DEPRESSÃO E TRISTEZA

De maneira geral, a depressão é a tristeza que não passa, e que muitas vezes parece não ter um motivo definido. É perfeitamente natural viver dias ou momentos de tristeza. O problema é que, muitas vezes, a tristeza pela morte de alguém querido, pelo fim de um relacionamento, pela perda de um emprego, por uma frustração, ou por motivo nenhum ... não passa. Quando ela não vai embora, pode estar encobrindo uma depressão. Se uma pessoa percebe que está com muita dificuldade para vencer o sofrimento, deve procurar auxílio médico.



TRANSTORNOS DEPRESSIVOS AFETAM OS RELACIONAMENTOS

No site Psiquweb, encontramos relato de pesquisas sobre este tema: Muitas pessoas não sabem e não se dão conta de quanto os transtornos depressivos afetam os relacionamentos. Segundo Xavier Amador, um casamento em que um dos parceiros está com depressão, tem nove vezes mais propensão de acabar, do que um onde não exista a depressão. Adriana Tucci mostra também dados internacionais onde os Transtornos Afetivos são uma das doenças que mais geram perdas sociais e nos relacionamentos familiares.

Assim sendo, antes de se tomar decisões precipitadas nas desarmonias de relacionamento, recomenda-se que, primeiro, seja verificada a possibilidade de uma das pessoas do relacionamento (quando não as duas) ser portadora de Depressão, em qualquer de suas formas.

Segundo trabalhos recentes as relações íntimas entre pessoas com depressão são mais tensas, estressantes e cheias de conflitos do que entre pessoas não depressivas. Xavier diz que a depressão e os problemas de relacionamento causados por ela são a razão mais comum dos casais que procuram uma terapia

Com frequência dentro das famílias ou mesmo entre um casal existe uma série de crenças populares que menosprezam a pessoa com depressão, tais como a falta de vontade, uma

fraqueza psíquica ou coisas assim.

COMO TRATAR A DEPRESSÃO

Foi-se o tempo em que a depressão era vista como condição inerente a alguns indivíduos. Hoje, embora muitos estudiosos pesquisem as causas genéticas e sociais da depressão, todos reconhecem que é uma doença tratável.

De acordo com a psiquiatra norte-americana Elaine Shlumberg, um dos maiores empecilhos para o diagnóstico e o tratamento da depressão são as pessoas que pertencem à família do doente. A família costuma fazer vista grossa, culpando o deprimido pelo desânimo, e tenta cobrar dele algo que ele não pode dar.

Sem tratamento, mesmo que o problema pareça ter passado, ele tende a voltar cada vez pior. É fundamental que se aceite a existência da doença e se assuma a responsabilidade por tratá-la de maneira adequada.

A boa notícia é que a medicação contra a depressão apresenta bons resultados, e muitas vezes ela sequer é necessária. E não é difícil buscar tratamento: “Todas as faculdades de psicologia e de medicina do Brasil oferecem atendimento gratuito e de qualidade para este e outros problemas”.

*Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e de Família.*

Mestre em Psicologia.

Tocando a alma

Sobre o despertar da criança interior...

Jorge Leão*

O amor é a energia universal que penetra o espírito de modo mais direto. Ao nascermos, recebemos o acolhimento no seio materno. Somos aconchegados pelo carinho da mãe, pelo olhar atento de nosso pai, sendo preenchidos pela energia protetora do afeto de nossa primeira casa comum.

A criança em nós clama por reacender a chama viva do toque quântico, isto é, aquele que não se delimita às barreiras espaço-temporais. Quando crescemos, e aprendemos a ser adultos, perdemos aos poucos a leveza desta aproximação, o que acarreta enrijecimento de nossas estruturas interiores, tensão psíquica, e, conseqüentemente, adoecimento crônico.

A passagem para a idade adulta é marcada desse modo pela crise da idade moderna, quando a razão é delimitada pela instrumentalização da ciência. Tudo é calculado, segundo uma medida previsível. Com isso perdemos a leveza e a flexibilidade da criança interior. O tempo passa a ser cronometrado,

já que a mercadoria e o lucro em escala geométrica são os eixos motores da vida industrial moderna.

Contudo, como se vem demonstrando pela própria ciência, mais propriamente pelo que denominamos de “paradigma holístico”, seremos mais amáveis e com maior qualidade de vida e longevidade à medida que nos permitirmos o toque na alma.

Mas, qual o motivo de tanta dificuldade em adentrar o território esquecido dos afetos? Um motivo simples seria dizer que não temos tido mais tempo para nos apaixonar pela vida. Tudo é muito corrido, como se não tivéssemos mais espaço para aprofundar laços.

Com isso perdemos o sorriso que brota da espontaneidade das cantigas de roda. A criança interior é reprimida, pela síndrome das notas. Criamos nossos filhos pelo discurso do sucesso profissional. A escola, de um modo geral, acaba focando no aspecto intelectual, deixando de lado as emoções, os valores éticos e os afetos do ser humano.

Desse modo, cai-se no equí-

voco de que tornando as relações mais eficazes, do ponto de vista mercadológico, teríamos pessoas mais realizadas, sob a ótica da resposta produtiva. Verificou-se justamente o contrário. Os consultórios psiquiátricos, infelizmente, estão cheios de reclamações e queixas que apontam para um vazio existencial jamais visto na história da humanidade. Exatamente por que não há tempo para estreitar laços espirituais com o nosso semelhante.

Daí tanto sofrimento, sintoma previsível do quase inexistente espaço para as conversas circulares, a troca dos segredos íntimos pelo abraço do urso e da cumplicidade de um olhar demorado. Não temos mais tempo para nada disso. Para a lógica do ter, isso é besteira, pura perda de tempo. Pessoas são felizes por que têm dinheiro, não por que dialogam, se abraçam, sentindo os corações umas das outras, reza a cartilha do marketing capitalista.

Foi uma fatídica jornada construída pelo terreno movediço da ausência das mãos como veículos de cura. O que fazem as crianças quando brincam? Usam as mãos de modo mágico. Transformam pedras em castelos, pedaços de papel em pipas, letras em contos de fada.

A ancestralidade da alma primeira é conservada no ato de brincar. É de lá que ressoa a voz da cura interior. Quem escuta atentamente a criança interior, aprende o caminho da cura.

O tempo já não é linear, quan-

do se brinca. Ele avança como uma espiral. Caminhamos na alegria diuturna do brincar. É essa alegria que permite o recomeço de uma nova brincadeira. É dessa alegria que surge a cura quântica.

AMAR SE APRENDE AMANDO.

Tal como no brinquedo da criança, o amor é uma experiência. É um modo de ser. Por maior o esforço do intelecto para penetrar neste âmbito, nenhuma explicação científica esgota a espontaneidade de um sorriso, ou um abraço apertado de uma criança.

Pesquisas têm demonstrado a eficácia de terapias holísticas, como a meditação, o yoga e risoterapia, o efeito prolongado do abraço, em tratamentos de problemas crônicos no organismo. O corpo reflete, por meio de sintomas, um complexo e longo processo de acúmulos e desarranjos na alma. Por isso, precisamos tocar a alma, ao tocar o corpo.

Devemos caminhar de mãos dadas, ciência e espiritualidade. Uma complementando a outra. Em termos de compreensão mais ampla do quadro acelerado de adoecimento crônico de nossa população, sobretudo nas grandes cidades, é necessária a realização de vivências integradoras, tendo como foco a consciência do ser livre, de sua imaginação criativa e de seu engajamento em causas comuns, sociais, coletivas. Isto é, alargar a consciência da irmandade planetária.

Como nos indica o budismo,

precisamos fazer uso da compaixão. Trazer de volta para a vida prática o nosso bem elaborado discurso sobre o “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Cf. Jo 15, 12).

Esses são, a meu ver, caminhos eficazes para a atuação de uma cultura planetária, tão urgente no atual momento de crise global em que vivemos.

Mas, onde entrar o amor nisso tudo? Entendo que ele é a mola propulsora de todas as nossas buscas. É na prática diária da doação e da partilha que aprendemos a amar. Nos pequenos gestos de amor, damos um passo gigante rumo ao despertar da criança interior, porquanto dele

brotam a espontaneidade, a pureza de coração, a sinceridade, a capacidade de não se prender às mágoas do passado, atributos próprios de nossa criança ancestral.

A partir desta decisão, perceberemos os pontos de ligação entre nosso agir e ser. Haverá mais serenidade para transpor as barreiras do ego. Haverá mais leveza para encontrar no silêncio meditativo e na prática do bem os meios eficazes para a cura quântica, que caminha em nossa direção como uma criança perdida, agora reencontrada.

Namastê!

** Jorge Leão - MFC São Luís (MA)*

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social

Boaventura de Sousa Santos debate as encruzilhadas da democracia e a necessidade de se construir novamente as esquerdas

Por: Ricardo Machado

A democracia tornou-se uma daquelas palavras vazias de sentido. Como é usada para descrever tudo aquilo que não é um regime político autoritário, tendemos a não ver os tons de cinza entre o branco e negro. “Para uns, a democracia realmente existente está de tal modo descaracterizada que só por inércia ou distração se pode considerar como tal. Vivemos em regimes autoritários que se disfarçam com um verniz democrático”, aponta Boaventura de Sousa Santos, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Vivemos em democracias de baixa ou muito baixa intensidade que convivem com regimes sociais fascistas. Daí o meu diagnóstico de que vivemos em sociedades que são politicamente democráticas mas socialmente fascistas”, pontua.

re na recente publicação de seu livro *A difícil democracia*. Reinventar as esquerdas (São Paulo: Boitempo, 2016). Para o sociólogo, as esquerdas precisam fazer uma profunda autocrítica e superar um modelo político baseado em conciliações com o grande capital. “Enquanto a esquerda não voltar a ter no horizonte uma alternativa pós-capitalista, chamemos-lhe socialismo ou outra coisa, o seu declínio continuará, dado que a direita é quem sabe gerir este capitalismo”, critica. Contudo, Boaventura aposta na radicalização da democracia como alternativa para as crises contemporâneas. “Para o Estado, ou algo que o substitua politicamente, poder agir contra o neoliberalismo, terá de passar por uma profunda transformação democrática”. E pondera, “a esquerda não deve aceitar ser poder na condição de esquecer ou renunciar ao que é.”

O debate de Boaventura se inse-

Boaventura de Sousa Santos é

doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973), além de professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e distinguished legal scholar da Universidade de Wisconsin-Madison. Foi também global legal scholar da Universidade de Warwick e professor visitante do Birkbeck College da Universidade de Londres. É diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e coordenador científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. De sua vasta obra, destacamos *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos* (São Paulo: Cortez Editora, 2013), *A cor do tempo quando foge: uma história do presente – crônicas 1986-2013* (São Paulo: Cortez Editora, 2014), *O direito dos oprimidos* (2014) e *A justiça popular em Cabo Verde* (São Paulo: Cortez Editora, 2015).

A entrevista foi originalmente publicada na *Notícias do Dia* de 8-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Parafraseando a pergunta que abre o prefácio do seu livro *A difícil democracia*. Reinventar as esquerdas (2016), para onde vai a democracia?

Boaventura de Sousa Santos

– O ideal democrático continua a captar a imaginação dos que aspiram a uma sociedade que combine a liberdade com a justiça social, mas na prática a democracia está cada vez mais longe deste ideal. Entre as

opiniões que abordam este problema a partir da esquerda, há duas posições principais. Para uns, a democracia realmente existente está de tal modo descaracterizada que só por inércia ou distração se pode considerar como tal. Vivemos em regimes autoritários que se disfarçam com um verniz democrático. É, por exemplo, a posição de Alain Badiou. Para outros, entre os quais me incluo, vivemos em democracias de baixa ou muito baixa intensidade que convivem com regimes sociais fascistas. Daí o meu diagnóstico de que vivemos em sociedades que são politicamente democráticas mas socialmente fascistas.

Ambas as posições partem da mesma ideia de que a democracia liberal, que sempre conviveu com alguma tensão produtiva com o capitalismo, sobretudo desde a segunda guerra mundial, está a deixar desaparecer essa tensão e a acomodar-se cada vez mais às exigências do capitalismo. Estas, como se sabe, pressupõem que a acumulação de capital e a sua rentabilidade devem prevalecer sobre qualquer outro objetivo. A diferença entre as duas posições não resulta apenas de diagnósticos diferentes. Reside também no impacto das biografias dos autores que as propõem. Eu, por exemplo, vivi parte da minha idade adulta em Portugal numa ditadura, o Estado Novo de Oliveira Salazar, e tenho vivido intensamente o período posterior à Revolução dos Cravos em 1974. Os brasileiros e as brasileiras de mais idade viveram uma situação seme-

lhante marcada pelo regresso da democracia em 1985.

Para mim, há diferenças significativas entre uma ditadura e uma democracia de baixa intensidade. Mesmo assim penso que a democracia liberal, para sobreviver à agressividade do capital global dos dias de hoje e ao modo como ele arrasta consigo novas formas de colonialismo e de patriarcado, terá de ser refundada a curto prazo, para o que se necessita de uma Assembleia Constituinte originária. Esta necessidade é hoje cada vez mais evidente quando vemos o que está a suceder no país que sempre se autodesignou como a democracia mais antiga e mais consolidada da nossa época, os EUA. É cada vez mais evidente que a fraude eleitoral é constitutiva desse país, tal como o é a influência do dinheiro no processo político, algo que está para além da corrupção porque está totalmente legalizado. O fenómeno Donald Trump é apenas um sintoma de algo muito mais profundo e mais perigoso.

Sem uma profunda refundação da democracia, poderemos chegar à conclusão a curto prazo de que não é possível corrigir por via democrática as distorções cada vez mais grotescas dos processos democráticos reais, como, por exemplo, o golpe parlamentar-mediático-judicial no Brasil que fez descer a qualidade da democracia brasileira de maneira dramática. Se era antes de baixa intensidade, é agora de baixíssima intensidade.

Quando se chegar à conclusão de que por via pacífica e democráti-

ca não é possível corrigir tais distorções, teremos chegado ao grau zero da democracia. Espero vivamente que tal nunca aconteça, mas isto tem mais a ver com o meu otimismo da vontade do que com o meu pessimismo da razão.

IHU On-Line - Como a União Europeia entende o conceito de democracia?

Boaventura de Sousa Santos – A União Europeia - UE enquanto sistema político e institucional é uma democracia de baixíssima intensidade. Primeiro, há um déficit democrático constitutivo na medida em que os órgãos com mais poder (Comissão, Eurogrupo, Banco Central Europeu) não foram eleitos pelos cidadãos europeus, nem estão sob qualquer controle democrático. O Parlamento Europeu, com os seus limitados poderes, é a outra face desta moeda. Só muito restritivamente se pode falar de cidadania europeia. Segundo, a UE é hoje um antro de neoliberalismo (que o digam os países latino-americanos que têm estado em negociações para tratados de livre comércio com a Europa) frontalmente hostil ao que foi a democracia de mais alta intensidade (mais equilíbrio entre liberdade e igualdade social) da Europa no pós-guerra e até o ano 2000. Se tivéssemos algumas dúvidas, elas seriam dissipadas ao vermos como o presidente da Comissão que conduziu a viragem neoliberal da Europa, o português Durão Barroso, foi nomeado para presidente da Goldman Sachs quando terminou o seu mandato.

Como sabemos, a Goldman Sachs é o padrão mundial do neoliberalismo a que ingenuamente chamamos “mercados”. Terceiro, a crise financeira de 2008, ao repercutir na Europa, fez com que se gerasse uma pulsão antidemocrática nas relações entre os países mais ricos da UE e os mais pobres. As exigências do capitalismo neoliberal vieram dar azo ao colonialismo interno na Europa, o que, não sendo novo, assumiu agora uma forma mais chocante por ter lugar no seio de uma comunidade política que se diz assentar na igualdade política dos parceiros.

Não devemos confundir a democracia da instituição UE com as democracias existentes a nível nacional nos países que a compõem. Aqui as diferenças são enormes e a vigência do neoliberalismo é mais matizada. A nível nacional vigora ainda em muitos países o modelo da social-democracia, ainda que muito descaracterizado. Entendo por social-democracia o modelo que vigorou na Europa, sobretudo depois de 1945, assente numa combinação entre altos níveis de produtividade e altos níveis de proteção social, com base numa regulação forte do capitalismo, uma tributação progressiva, nacionalização de setores estratégicos, direitos económicos e sociais universais que permitiram às famílias trabalhadoras, pela primeira vez na história do capitalismo, planearem a sua vida (mandar os filhos à universidade, comprar casa, pensar numa aposentadoria digna). Este modelo continua a vigorar com alguma intensidade nos países nór-

dicos; assume a forma de economia social de mercado na Alemanha; tem pouca vigência nos países do Leste Europeu; é uma total ruína na Inglaterra e na Grécia; está em sérias dificuldades na França e na Itália; nunca teve um pleno desenvolvimento na Espanha e em Portugal; e tem estado sob ataque por parte das instituições da UE.

IHU On-Line - De que forma os países europeus periféricos, como Portugal, Espanha e Grécia, se tornaram ameaças àquilo que a União Europeia entende como democracia?

Boaventura de Sousa Santos – É fácil de ver pelo que disse acima. O entendimento autoritário da democracia vigente na UE é de que não há qualquer solidariedade entre os países que a compõem e que só os países ricos da Europa se podem dar ao luxo de se beneficiar da proteção possibilitada pela social-democracia. A crise financeira da Grécia ter-se-ia resolvido muito facilmente se a coesão da UE fosse um valor mais importante que os créditos dos bancos alemães e franceses. Bastava mutualizar a dívida soberana da Grécia, que era coisa pouca comparada com o que veio depois. Portugal e Espanha sofreram o impacto por arrasto da Grécia (especulação financeira abutire do tipo da que se abateu no início do milénio na Argentina).

Como os fatos estão a mostrar, esses países, longe de serem uma ameaça para a democracia europeia, são sua garantia. Se tivesse tido êxito o que a Grécia pretendeu

fazer e a UE proibiu, não teríamos o Brexit e o crescimento da extrema direita por toda Europa, uma vertigem política, oxigenada pela eleição de Trump, que põe em causa todos os princípios políticos que orientaram as democracias na Europa no pós-guerra.

Portugal é hoje a experiência política democrática mais brilhante da Europa dos últimos vinte anos. Um governo moderado de esquerda está a tentar mostrar que a vertigem neoliberal é destrutiva para o projeto europeu e para a democracia em geral e que há ainda na UE alguma virtualidade para travar o movimento suicida em que a Europa se deixou enredar. Este governo foi possível devido a uma união das forças de esquerda sem precedentes na história recente do país. Perante o descalabro reacionário que o país viveu entre 2011 e 2015, com um governo revanchista apostado em destruir tudo o que o país tinha conquistado depois de 1974, o Partido Comunista e o Bloco de Esquerda, que sempre consideraram o Partido Socialista um partido de direita, resolveram dar-lhe apoio parlamentar para tornar possível uma inversão, mesmo que limitada, nas políticas de austeridade. Esta experiência política inédita de unidade das forças políticas de esquerda pode ser um exemplo a ponderar no Brasil neste período difícil que atravessa. O governo português tem estado sempre sob ataque da UE, mas, em face do Brexit, começa a ser reconhecido como uma via possível para salvar o projeto europeu.

IHU On-Line - Como a lógica colonialista se mantém na perspectiva política da União Europeia?

Boaventura de Sousa Santos – O colonialismo interno na Europa tem uma longa duração histórica, como analisei no meu livro *Portugal: Ensaio contra a Autoflagelação* (São Paulo: Cortez, 2011). Em tempos mais recentes, a Grécia, Portugal e a Espanha foram autênticos protetorados alemães na medida em que o governo alemão interveio diretamente na política destes países com o objetivo de influenciar os eleitores. Quando a intervenção não foi direta, exerceu-se através da Comissão ou do Banco Central Europeu, liderado por um ex-CEO da Goldman Sachs. Mais do que imposição antidemocrática de disciplina financeira, trata-se de ver estes países com lentes colonialistas, como sejam os estereótipos — inferiores, descuidados, preguiçosos, pouco produtivos — os mesmos que os portugueses e espanhóis usaram para estigmatizar as populações sob o seu domínio colonial. Esta divisão entre um centro europeu e as suas periferias vem desde o século XIV e dura até hoje. A única periferia que conseguiu juntar-se ao centro foi a periferia nórdica. Todas as outras (leste, sul, sudoeste) continuam tão periféricas quanto antes.

IHU On-Line - Do que se trata o “projeto europeu como ruína”?

Boaventura de Sousa Santos – Desde o seu início, o projeto europeu teve dois impulsos e duas concepções: a do economista von

Hayek, para quem a UE era apenas um mercado comum, e a de De Gaulle, para quem a UE era um projeto político destinado a criar uma paz duradoura e manter a Alemanha sob controle. Durante muito tempo parecia tratar-se de duas dimensões do mesmo projeto. Com o tempo a primeira concepção foi-se impondo ainda que a retórica fosse a do projeto político. Isto tornou-se evidente quando, com os novos países candidatos a entrar na UE, pôs-se a questão se se devia dar prioridade ao aprofundamento ou à extensão da UE. A opção foi sempre pela expansão, o que foi um sinal de que a prioridade era afinal o mercado interno e não a criação de uma comunidade política coesa. Os tratados que consolidaram esse mercado, sobretudo o que estabeleceu o euro, têm um recorte neoliberal muito claro, ainda que tal fato tivesse passado despercebido à maioria dos partidos políticos.

A criação da moeda única foi paralela à liberalização dos mercados, o que abria uma porta para os produtos da China, os quais não concorriam com os produtos alemães, mas certamente concorriam com os têxteis portugueses. A partir daí (cerca de 2000) estavam criadas as condições para a estagnação econômica dos países periféricos, o que veio a suceder. Quando a crise da Grécia eclodiu, passou a ser evidente que a coesão política era um verniz que estalava facilmente ante a lógica do mercado e do neoliberalismo. O modo como foi “resolvida” a crise grega (uma diminuição do PIB da

ordem dos 25%) mostrou que a partir daí o projeto europeu era uma inércia mantida viva apenas pelo temor do caos do fim do euro.

Bruxelas, sede da UE, passou a ser o centro de uma disciplina financeira cega e autoritária, guiada pela Alemanha e pelos milhares de lobistas neoliberais que pululam como uma praga em redor das instituições (só a Google tem ao seu serviço 600 lobistas). Nenhum europeu comum se identifica com esta ditadura financeira que vai destruindo o que resta das classes médias europeias para alimentar os lucros dos bancos. O Brexit veio mostrar a fragilidade dessa inércia. E já se fala do Frexit, se a extrema direita ganhar as eleições na França, do Austrexit pelas mesmas razões na Áustria. Podem não ocorrer agora, mas se nada for feito para criar uma flexibilidade financeira interna que tome em conta o fato de estarmos perante economias nacionais muito diferentes com a mesma moeda, o euro colapsará e com ele a UE. Isto não quer dizer que outro projeto europeu não possa surgir, mas eu tenho certas dúvidas pelo menos enquanto os ventos continuarem a soprar a favor das bandeiras nacionalistas.

IHU On-Line - De que maneira sociedades politicamente democráticas se transformam, ao mesmo tempo, em sociedades socialmente fascistas?

Boaventura de Sousa Santos – As situações de fascismo social ocorrem sempre que pessoas ou grupos sociais estão à mercê das decisões

unilaterais daqueles que têm poder sobre eles sem se poderem defender em termos práticos invocando direitos que efetivamente os defendem. Exemplos de fascismo social: quando uma família tem comida para dar aos filhos hoje mas não sabe se a terá amanhã; quando um trabalhador desempregado se vê na contingência de ter de aceitar as condições ilegais que o patrão lhe impõe para poder matar a fome da família; quando uma mulher é violada a caminho de casa ou é assassinada em casa pelo companheiro; quando os povos indígenas são expulsos das suas terras ou assassinados impune-mente por capangas ao serviço dos agronegociantes e latifundiários; quando os jovens negros são vítimas de racismo e de brutalidade policial nas periferias das cidades. Em todos estes casos estou a referir situações em que as vítimas são formalmente cidadãos, mas não têm realisticamente qualquer possibilidade de invocar eficazmente direitos de cidadania a seu favor. A situação agrava-se quando se trata de imigrantes, refugiados etc. Por exemplo, a situação de trabalho escravo de milhares de imigrantes bolivianos nas fábricas de São Paulo. As vítimas de fascismo social não são consideradas plenamente humanas por quem impune-mente as pode agredir ou explorar.

Mas o fascismo não tem apenas a face violenta. Tem também a face benevolente da filantropia. Na filantropia quem dá não tem dever de dar e quem recebe não tem direito de receber. Em tempos recentes, a classe alta e média alta do Brasil se

ressentiu muito porque as empregadas domésticas ou os motoristas já não precisavam dos favores dos patrões para comprar um computador para os filhos ou fazer um curso. Ressentiam-se com o fato de os seus subordinados se terem libertado do fascismo social. Quanto mais vasto é o número dos que vivem em fascismo social, menor é a intensidade da democracia.

IHU On-Line - O que pode explicar o declínio das esquerdas na Europa e na América do Sul?

Boaventura de Sousa Santos

– O fato de terem aceitado que o capitalismo era eterno, que o neoliberalismo era uma fatalidade e que não havia qualquer alternativa pós-capitalista. A queda do Muro de Berlim significou tanto a queda do socialismo de Estado como da social-democracia, que se julgou, na altura, triunfante. Pelo contrário, a partir daí o capitalismo deixou de ter medo da concorrência, e o ataque aos direitos sociais e económicos acentuou-se e tem vindo a acentuar-se, na Europa e em todo o mundo.

Enquanto a esquerda não voltar a ter no horizonte uma alternativa pós-capitalista, chamemos-lhe socialismo ou outra coisa, o seu declínio continuará, dado que a direita é quem sabe gerir este capitalismo. Na América Latina, o avanço da esquerda na primeira década do milénio pareceu desmentir esta tendência histórica. Foi possível devido a uma conjuntura excepcional que não se

repetirá nos anos mais próximos: a subida dos preços dos produtos primários, agrícolas e minérios, devido à explosão da China. Este fato, ao mesmo tempo que remetia estes países para a continuidade com o colonialismo (fornecedores de matérias-primas, e que agora chegou a provocar a desindustrialização do Brasil), permitiu aos governos de esquerda efetuar uma impressionante redistribuição de riqueza sem alterar o modelo de desenvolvimento ou o sistema político. No momento em que tal deixou de ser possível, o capitalismo quis manter a sua rentabilidade a todo o custo e conseguiu o seu objetivo facilmente precisamente porque não tinha havido mudança no sistema político (e na prática política), nem reforma tributária, bancária ou dos media.

IHU On-Line - Como o senhor vê o caso brasileiro, em que as esquerdas sofreram um profundo revés nas eleições para as principais prefeituras do país?

Boaventura de Sousa Santos
– Revés nas eleições municipais foi uma consequência direta do processo político iniciado com o impedimento da presidente Dilma Rousseff. Foi um processo bem orquestrado de demonização do PT que aproveitou ao máximo os erros de governo do partido, apoiado por uma impressionante manipulação das grandes mídias e a atuação cúmplice do sistema judicial que incluiu violações flagrantes da legalidade. As forças do grande capital não tiveram paciência para esperar

mais quatro anos e contaram com um apoio muito mais importante do que se pensa do imperialismo norte-americano. Um dia se saberá até que ponto essa intervenção foi decisiva. O Brasil era uma peça importante nos BRICS e esta aliança era importante para projetar a posição da China, o grande inimigo e grande credor dos EUA. Era preciso neutralizar o Brasil como se tem feito com a Rússia. Só assim se poderá isolar a China que em 2030 pode ser já a primeira potência econômica mundial.

Numa sociedade racista e oligárquica como é a brasileira o preconceito classista é sempre misturado com o preconceito racista e sexista. O governo Temer mostrou isso à sociedade e as políticas que têm vindo a ser propostas confirmam as mais pessimistas previsões. Mas o racismo e o sexismo não são infelizmente um monopólio da direita. O modo como no governo Dilma foram tratados os povos indígenas sempre que se atravessaram no caminho do agronegócio foi chocante.

Perante esta demonização, o PT pouco podia fazer a curto prazo a menos que tivesse decidido fazer uma profunda refundação política. Isso implicava rupturas e não era possível dada a decisão de o ex-presidente Lula se manter como garante da política de esquerda. Uma decisão totalmente compreensível, sobretudo por todos acreditarmos demasiado nas armadilhas das sondagens que fazem dele o político mais popular do Brasil pre-

cisamente para o manter no ativo e assim impedir uma renovação profunda das forças de esquerda. Tal como estão as coisas parece que as forças de direita poderão liquidar politicamente Lula como quiserem e quando quiserem. É este o estado a que chegou grande parte da esquerda brasileira.

IHU On-Line - Não é um paradoxo, pelo menos na experiência brasileira, a esquerda conquistar o poder e adotar práticas típicas de forças políticas mais conservadoras e alinhadas ao pensamento de direita?

Boaventura de Sousa Santos – É, mas explica-se pelas razões acima. Enquanto não houver uma reforma do sistema político e o poder do dinheiro e dos grandes media for retirado do processo eleitoral, a esquerda só pode governar em aliança com a direita e enquanto isso lhe convier.

IHU On-Line - O que sobrou dos ideais de esquerda do século XX? A igualdade continua sendo o grande ideal de esquerda?

Boaventura de Sousa Santos – Os ideais da esquerda do século XX continuam vivos porque afinal vêm do final do século XVIII e não são mais que os grandes objetivos da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. O problema está na vigência dos pressupostos e na eficácia dos processos que presidiram as lutas para que esses valores tivessem alguma realização, o que para uns só era possível numa sociedade socialista e para

outros numa profunda regulação do capitalismo. Tais pressupostos e processos assentaram na centralidade do Estado e na organização nacional do capitalismo. Foi assim possível fazer do Estado um agente de intervenções não mercantis (nacionalizações, e políticas sociais no domínio da saúde, educação e previdência). Ora, hoje o capitalismo é global e está a pôr o Estado na sua estrita dependência. O Estado é agora um agente de intervenções mercantis (privatizações, parcerias público-privadas, terceirização). Tendo sido “proibido” pelo capitalismo financeiro global de tributar os ricos, tem de se endividar nos mercados financeiros onde não tem nenhum privilégio soberano (o cinismo da designação “dívida soberana”). Para o Estado, ou algo que o substitua politicamente, poder agir contra o neoliberalismo terá de passar por uma profunda transformação democrática.

IHU On-Line - Falta autocrítica à esquerda?

Boaventura de Sousa Santos – A autocrítica evoca processos menos democráticos, mas tem de ser feita de modo democrático e ir ao mais fundo possível. Tenho escrito muito sobre este tema. Eis algumas ideias para o debate. Primeiro, nas atuais circunstâncias, a esquerda será sempre uma contracorrente que não pode governar como a direita governa nem fazer alianças contranatura com a direita. Se tiver de o fazer deve renunciar a ser governo. Por exemplo,

pode voltar a centrar-se no governo municipal onde é possível uma política de proximidade e onde o impacto no quotidiano das pessoas é decisivo. Segundo, a democracia representativa perdeu a luta contra o capitalismo e não tem futuro se não for complementada com genuína democracia participativa a todos os níveis de governação. Esta complementaridade entre democracia representativa e democracia participativa deve estar presente nos partidos políticos. Só assim se poderá decidir participativamente quais são as políticas e quem são os candidatos.

Terceiro, os partidos deixam de ter o monopólio da representação política de interesses e os cidadãos organizados devem poder participar. Quarto, sempre que tiver oportunidade a esquerda deve criar ou apoiar a criação de zonas livres do capitalismo neoliberal por mais circunscrito que seja o seu âmbito. Funcionarão como pedagogia de um futuro pós-capitalista, a tal alternativa sem a qual a esquerda perde o sentido de existir. Quinto, nas próximas décadas, e dada a escandalosa concentração de riqueza e a alarmante destruição da natureza, a política só em parte se vai exercer nas instituições democráticas; a outra parte será extrainstitucional pacífica (ações diretas, greves, marchas, protestos, ocupações). A esquerda vai ter de saber estar nos dois lados sem contradição e maximizar os contributos de cada tipo de prática política para a democratização da sociedade. Sexto, nada disso será

possível sem uma profunda transformação do sistema judicial, político, de comunicação social e tributário. É preciso isolar o mercado das ideias políticas do mercado dos valores económicos. A esquerda não deve aceitar ser poder na condição de esquecer ou renunciar ao que é. Deve construir uma alternativa pós-capitalista apostando em que o capitalismo, como qualquer outro fato histórico, teve um princípio e há de ter um fim.

IHU On-Line - Estaria nas ocupações secundaristas o embrião de uma nova esquerda?

Boaventura de Sousa Santos

– Estive reunido com alguns deles recentemente em Brasília. São jovens maravilhosos precisamente porque não se deixam convencer pela ideia de que não há alternativa às políticas em curso. Sempre mantive que os jovens nunca estão despolitizados. Apenas não se interessam pelo tipo de política que tem vindo a dominar. A prova está aí mesmo. Em vários países do mundo estamos a assistir a um novo tipo de movimento estudantil no Chile, México, Índia, África do Sul, Inglaterra e agora também no Brasil. É difícil de prever como evoluirá. Uma coisa é certa, ele mostra que a política não morrerá e as alternativas não deixarão de estar nos horizontes e sonhos dos mais jovens enquanto vivermos em sociedades tão repugnantemente injustas, tão destrutivas da natureza e tão mediocrementemente democráticas como aquelas em que vivemos.



EgonHeck*

Adital

Mais uma vez se travou “simbólica e fisicamente”, a batalha dos povos indígenas com seus maracás, pinturas e indumentárias, contra as hordas de gravatas em seus pedestais de prepotência, arrogância e ganância.

Imaginava-se que nas ondas de superação do colonialismo interno, as gravatas travariam um diálogo respeitoso com os maracás, desde a portaria até a despedida, já na noite avançada. Mas não foi desta vez. Várias lideranças indígenas fizeram alusão a mais uma decepção: “Sai presidente, entra presidente, campeia a corrupção e nenhum sinal de que um dia será diferente, de igual para igual, na casa do povo”.

No portão, de plantão os cassetes tentaram demonstrar gentileza e esforço no podre dorso da repres-

são. Tirem a placa da “casa do, para contra o povo” chegaram gritar alguns mais exaltados. Nada de novo abaixo da linha do Equador. Após espera e muito bate boca, quase duas centenas de indígenas adentraram, em ritual, nas dependências da Câmara dos Deputados.

Outros setores sociais continuaram impedidos de entrar. Houve ocupação do plenário por sindicalistas que protestaram contra a entrega do pré-sal ao capital estrangeiro. Foi um dia de correria e agito, com o impedimento de Dilma rolando num espaço, e projetos polêmicos e golpistas cavalcando em outro. Mais uma vez se repetia o ditado e canção popular da época da ditadura militar: “Os podres poderes tem medo de cheiro de povo”.

E assim povos indígenas de várias regiões do país comemoraram

seu dia, com denúncias e veementes manifestações contra o golpismo ruralista em curso e a violência e criminalização. das lideranças dos movimentos sociais, povos indígenas, povos e comunidades tradicionais. No encontro com o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, este prometeu não prorrogar a CPI da Funai e do INCRA e de que não colocaria em debate e votação em plenário, a PEC 215.

Ontem foi a vez de entregar um documento na embaixada da Alemanha lembrando as principais violências contra os povos indígenas no Brasil, em consequência da política dos ruralistas, que são os mesmos que exportam suas commodities a dezenas de países, dentre os quais, a Alemanha.

SAI DE BAIXO QUE VEM LAMA E MORTE

Uma das notícias que tem causado grande preocupação entre os povos indígenas e seus aliados, é a de que o governo em breve enviaria ao Congresso três projetos sobre mineração. Quem viveu, como os Krenak, na lama de Mariana, a irresponsabilidade criminosa das mineradoras, irá entender facilmente o horizonte de ameaças e mortes que os povos originários têm pela frente. As mineradoras mundiais e nacionais estão assanhadas, nas portas das terras indígenas, aguardando avidamente a abertura das terras/territórios desses povos para o saque, deixando para trás os rastros de lama, violência e morte.

46 fato
e razão

Nunca é demais lembrar a destruição e extermínio causado aos povos originários e à natureza, desde o início da invasão, há mais de cinco séculos. Várias terras indígenas, especialmente na Calha Norte do rio Amazonas, estão totalmente loteadas para prospecção e lavra de petróleo. O que será dos Yanomami, dos WaimiriAtroari, povos do Rio Negro, do Vale do Javari e da centena de grupos/povos isolados?

No momento em que no mundo inteiro se questiona e denuncia a ação nefasta e destruidora da mineração, o usurpador governo ilegítimo, de forma inescrupulosa e celeremente, avança com projetos de morte. E os povos indígenas serão as maiores vítimas dessas iniciativas do grande capital nacional e multinacional.

UNIÃO, RESISTÊNCIA E PERMANENTE MOBILIZAÇÃO

Os povos indígenas e as comunidades e povos tradicionais deram passos importantes na construção de alianças e união na luta por direitos e contra as ameaças de retrocesso e desconstrução de direitos constitucionais conquistados com muita luta e sangue derramado.

Será com a força de todos os guerreiros, com a proteção dos deuses, dos encantados e da mãe terra, com a união da grande maioria dos empobrecidos, dos excluídos e dominados, da diversidade de povos e culturas, que irão construir um novo

mundo, a partir dos projetos de Bem Viver, com a superação do capitalismo, do colonialismo, do racismo e dos projetos de morte e destruição.

A palavras que mais foram ressaltadas, na semana de mobilização dos povos indígenas em Brasília, foi

a necessidade de ampliar a união e alianças para garantir uma mobilização permanente não só para evitar perda de direitos e retrocesso, mas para avançar na perspectiva de construção da sociedade do Bem Viver.

** Cimi Secretariado Nacional*

Para mais um dia renovado...

Que seu dia seja repleto de bênçãos...

Que seu coração seja manjedoura do Altíssimo!

Que sua vida seja uma dádiva!

Que suas mãos sejam instrumentos de paz e luz!

Que seus passos sejam sinal de coragem e perseverança!

Que seus ideais estejam a serviço da verdade...

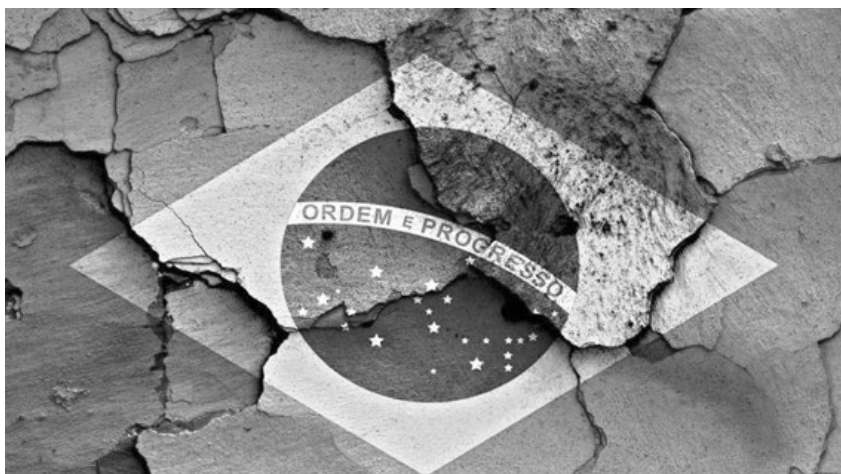
Que sua caminhada ilumine os que estão contigo diariamente!

Que assim seja...

namastê!

Jorge Leão - MFC São Luis (MA)





Instituições e direitos degradados

Mark Weisbrot*

Quando Dilma Rousseff foi afastada definitivamente da Presidência, em agosto, muitos qualificaram o ocorrido como golpe.

A presidente não foi acusada de nada que pudesse legitimamente ser descrito como crime, e os líderes do impeachment indicaram, em conversas gravadas, que queriam se livrar dela para suspender uma investigação sobre corrupção na qual eles e seus aliados políticos estavam envolvidos.

Outros avisaram que, empreendido esse caminho, ocorreria a seguir uma degradação maior das instituições e do Estado de direito. Foi exatamente o que aconteceu, seguido pela repressão política que quase sempre acompanha esse tipo de “mudança de regime”.

No dia 4 de novembro, a polícia invadiu uma escola administrada

pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Guararema, no Estado de São Paulo.

Os policiais dispararam balas reais (não de borracha) e fizeram várias prisões, suscitando condenação internacional. O MST é um movimento social poderoso que conquistou direitos à terra para centenas de milhares de brasileiros da zona rural nas três últimas décadas. Foi adversário destacado do golpe de agosto.

A politização do Judiciário já era um problema de importância maior no período que antecedeu o afastamento de Dilma. Agora assistimos a uma corrosão maior das instituições, quando um juiz do Supremo Tribunal Federal emitiu uma liminar afastando Renan Calheiros da presidência do Senado.

Calheiros desafiou a liminar e não abandonou o posto. O presidente Michel Temer então nego-

ciou com o restante do STF a manutenção de Calheiros no cargo. O grande receio de Temer e seus aliados era que o afastamento pudesse fazer descarrilar uma emenda constitucional escandalosa que pretende congelar os gastos governamentais reais pelos próximos 20 anos, o que acabou sendo aprovado pelo Congresso.

Considerando que a população brasileira está projetada para crescer cerca de 12% nos próximos 20 anos e que a população também estará em processo de envelhecimento, a emenda é um inusitado compromisso de longo prazo com a pobreza crescente.

Vai “colocar o Brasil numa categoria socialmente regressiva própria”, observou Philip Alston, relator especial da ONU para a pobreza extrema e os direitos humanos, descrevendo a medida como um ataque aos pobres. Os cortes que o governo propõe para as aposentadorias públicas vão atingir mais duramente a classe trabalhadora e os mais pobres.

A deterioração da democracia, do Estado de direito e dos direitos civis é o que ocorre quando uma elite corrupta utiliza uma “mudança de regime” ilegítima para aprovar à força mudanças estruturais grandes

e regressivas para as quais jamais ganharia apoio nas urnas.

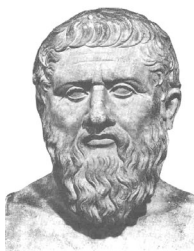
A mídia internacional nos diz que o arrocho orçamentário é necessário e vai, na realidade, ajudar a arrancar o Brasil da depressão em que se encontra. Mas isso contraria a lógica econômica e contábil básica, além das evidências empíricas, incluindo a experiência desastrosa do próprio Brasil desde o início de 2014.

Os juros exorbitantes do país representam outra política macroeconômica fracassada que bloqueia a recuperação econômica. Esses juros são definidos pelo Banco Central e há décadas estão entre os mais altos do mundo, em termos reais.

O governo atual não tem nada a oferecer, exceto uma repetição do fracasso econômico de longo prazo de 1980-2003, que a população não vai aceitar. Vem daí a degradação que está promovendo das mais importantes instituições políticas do país.

**Mark Weisbrot é Codiretor do Centro de Pesquisa Econômica e Política, em Washington, e presidente da Just ForeignPolicy, organização norte-americana especializada em política externa*

Transcrito da Folha de São Paulo



***Uma vida não questionada não
merece ser vivida.***

Platão



A política sem guerra

Angela Alonso*

Quem acompanhou a agonia e morte de Marisa Letícia Lula da Silva viu salientes dois lados da sociedade brasileira. De uma parte, a solidariedade. O viúvo foi confortado por correligionários, pela gente comum e mesmo por adversários políticos, aos quais abraçou sem restrições.

De outra parte, a incivildade. Enquanto anônimos buzinavam na frente do Hospital Sírio-Libanês e xingavam Marisa Letícia nas redes sociais, o neurocirurgião Richam Faissal El Hossain Ellakkis e a reumatologista Gabriela Araújo Munhoz espargiam idêntica violência dentro do hospital. Contrariando o esperado da profissão, o médico desejou

que a paciente ardesse no inferno: “daí o capeta abraça ela”, registrou no WhatsApp. A atitude repugna, mas não surpreende.

Os dois médicos comungam o perfil de parte dos manifestantes que foram às ruas de São Paulo em megaprotestos nos três últimos anos: têm alta escolarização e alta renda, são brancos, são jovens. E são intolerantes.

Numa das manifestações –provavelmente contra o Mais Médicos, programa que prometia universalizar o acesso à saúde–, uma mulher desse perfil se deixou fotografar com cartaz caçoando do dedo que o ex-presidente perdeu na prensa: “Lula, achamos seu dedo! Tá no *#!% do povo brasileiro!”.



A atitude dos médicos se alimenta do espírito que animou muitos manifestantes, desde os de 2013 até os que pediam o impeachment de Dilma. Nesses protestos se exigiu o bom funcionamento das políticas públicas, mas também se destilou ressentimento antipetista. Muito saudável que cidadãos cobrem governos, combatam a corrupção, defendam melhorias. E que tenham preferência partidária. O preocupante é que se expressem pelos meios agora cotidianos: a intolerância, a desumanização e a defesa do extermínio do adversário.

É arriscado comparar conjunturas históricas, mas o mecanismo que opera na intolerância costuma ser constante. Ele se encarna exemplarmente num padrão de sociedade, alicerçado na escravidão, e num regime político, o fascismo. Em ambos, destitui-se certo grupo de pessoas de sua humanidade. O rebaixamento à animalidade permite, num caso, o uso indiscriminado do corpo do escravo por seu dono, no outro, o aniquilamento dos que – como o atestam filmes nazistas – nada mais seriam do que ratos.

O processo tem, pois, história longa. E costuma acabar mal. O extermínio moral precede e autoriza o extermínio físico do diferente.

Registros dessa política da destruição do adversário têm aparecido amiúde no noticiário brasileiro. Pouca dúvida resta, se resta alguma, sobre o protagonismo do ex-governador Sérgio Cabral e do empre-

sário Eike Batista em episódios de corrupção. Os delitos demandam pena. Contudo, nenhuma lei autoriza humilhar presos pela exposição de seus corpos, como na escravidão, e raspar-lhes a cabeça, como faziam os fascistas. Aí a punição se converte em vingança.

O padrão grassa nos cárceres brasileiros. Longe das câmeras, multidão de pobres vive sem acesso a direitos básicos. Slogan eleitoral de Paulo Maluf sintetizou o motivo: bandidos não seriam membros da classe dos “humanos direitos”. Essa partição da humanidade em bons e maus, nós e eles, justifica ignorar, excluir e torturar os diferentes – em cor, sexualidade, credo religioso, tendência política etc. Tortura, aliás, defensável, segundo o novo indicado ao Supremo Tribunal Federal.

A parte da sociedade brasileira a que pertencem os médicos Gabriela e Richam opera nesse registro. Julga-se cidadão do andar acima, mais confortável com seus pets que com a “gentalha” que habita o térreo e da qual preferiria se livrar em definitivo.

Antípodas desse comportamento são os abraços dos ex-presidentes. Lula estreitou um por um todos os que foram se despedir de sua mulher, independentemente de posição social ou cargo. Políticos, aliás, tiveram que aguardar na fila, atrás da gente humilde. O ato reconhece que somos todos membros da mesma humanidade.

Com idêntica fraternidade, Fernando Henrique retribuiu, na morte de Marisa Letícia, o abraço que recebera de Lula quando do funeral de Ruth Cardoso.

Esses abraços talvez sejam a mensagem mais poderosa que os dois líderes de partidos rivais podem transmitir ao país: a política não é a guerra. É justamente sua evitação. É possível discordar, criticar, se opor, sem trucidar – moral

ou fisicamente. O diferente pode ser um adversário, mas não precisa ser um inimigo. A tolerância é a base da democracia. O resto anda na borda de um abismo, o do totalitarismo e da barbárie.

Angela Alonso é professora do departamento de sociologia da USP e presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento)

Transcrito da Folha de São Paulo

Ratan Naval Tata, é um empresário e investidor indiano, filantropo e chairman interino do Grupo Tata. Abaixo, alguns pontos de uma palestra dele em Londres:



- Não eduque seus filhos para serem ricos. Eduque-os para serem felizes. Assim, quando crescerem, eles saberão o valor das coisas, não o seu preço.
- Coma seus alimentos como se fossem remédios. Do contrário, você terá que comer seus remédios como se fossem alimentos.
- Aquele que te ama nunca irá te abandonar, pois mesmo que existam 100 razões para desistir, ele irá encontrar uma única para permanecer ao seu lado.
- Existe muita diferença entre ser humano (substantivo) e ser humano (verbo). Mas somente poucos entendem isso.
- Você foi amado quando nasceu e você será amado quando morrer. Nesse intervalo, você precisa merecer...
- Se quer andar rápido, ande sozinho. Mas se se quer andar longe, ande com alguém ao seu lado.
- Os seis melhores médicos do mundo: luz do sol, descanso, exercício, dieta, autoconfiança e amigos! Mantenha-os em todo os estágios e aproveite uma vida saudável.
- Se você olhar para a lua, verá a beleza de Deus, se você olhar para o sol, verá o poder de Deus e, se você olhar no espelho, verá a melhor criação de Deus. Então, acredite em si mesmo.
- Na vida, somos todos turistas e Deus é o agente de viagens que já determinou todas as nossas rotas, reservas e destinos. Então, confie nele e aproveite essa “viagem” chamada vida!

Religiões com Divisões. Cristãos Separados.

Nicht derstarke Islam, aber die Schwachen Christen machen mir Sorgen. Assim falou Kurt Koch, um Bispo Suíço. Traduzindo: Não estou preocupado com a força dos muçulmanos, mas com a fraqueza dos cristãos.

Na Igreja Católica, o problema não está na força do protesto e da vida de outros seguidores de Cristo, dos Evangélicos, mas na fraqueza da fé dos Católicos.

Prega a palavra, quer agrade, quer desagrade, nos diz o Apóstolo Paulo. Ele avisou que virá um tempo em que os homens não aceitarão a sã doutrina, mas escolherão seus mestres de acordo com suas paixões. Afastarão os seus ouvidos da verdade.

Esse tempo já chegou. Igrejas foram invadidas por falsos pastores e bispos nomeados por seus adeptos. Ficou difícil separar o joio do trigo. Muitos pregam um deus quebragalho, um deus da prosperidade, um deus libertador de opressores e outros aproveitadores.

Nos 20 vinte séculos da Igreja Católica surgiram pessoas e grupos com protestos e propostas de reformas, Protestantes e Reformadores. Posso imaginar que tiveram a

missão de sacudir a Igreja daqueles tempos: Provocar e acordar um clero acomodado. Nestes nossos tempos confusos cresce a quantidade de igrejas que se consideram escolhidas para questionar as estruturas da Igreja Católica que procuram reformar.

Nas palavras do Papa Francisco temos a alegria de ver que nossa Igreja ainda conta com LUZ e FORÇA do Espírito Santo para promover a sua Renovação.

*Cristiano Krapf, aposentado
mas não parado*





Francisco, Jesus e as Mulheres

Frei Beto*

Adital

O papa Francisco nomeou uma comissão para analisar se as mulheres devem ter acesso ao diaconato, como já ocorre com homens solteiros ou casados. Diácono ocupa, na hierarquia, um grau abaixo do sacerdócio. Pode presidir matrimônios e batizar, mas não celebrar missa. Havia diaconisas na Igreja primitiva.

Em muitos países, inclusive no Brasil, já há religiosas que, autorizadas pelo bispo local, presidem matrimônios e celebram batismos, embora não sejam diaconisas.

Francisco é muito hábil. Em vez de implodir o prédio com dinamite, prefere demoli-lo tijolo a tijolo. É o que faz ao mexer em temas que, há séculos, estavam congelados pelos tabus que envolvem a doutrina católica tradicional: recasamentos, acesso de divorciados aos sacramentos, homossexualidade, celibato obriga-

tório, corrupção na Cúria Romana, punição rigorosa a pedófilos etc.

Não há fundamento bíblico para excluir mulheres do sacerdócio, e até do direito de serem bispas e papisas. O grande obstáculo é a cultura patriarcal predominante nos primeiros séculos do cristianismo e ainda em voga na Igreja Católica.

Mateus aponta, na árvore genealógica de Jesus, cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute e Maria; e, de modo implícito, a mãe de Salomão, aquela “que foi mulher de Urias”. Não é bem uma ascendência da qual um de nós haveria de se orgulhar.

Viúva, Tamar se disfarçou de prostituta para seduzir o sogro e gerar um filho do mesmo sangue de seu falecido marido. Raab era prostituta em Jericó. Rute, bisavó de Davi, era moabita, ou seja, pagã aos olhos dos hebreus. A “que foi mulher de Urias”, Betsabeia, foi seduzida por Davi enquanto o marido dela

guerreava. E Maria, mãe de Jesus, também não escapou das suspeitas alheias, pois apareceu grávida antes mesmo de se casar com José. Como se vê, o Filho de Deus entrou na história humana pela porta dos fundos.

Jesus se fez acompanhar pelos Doze e por algumas mulheres: Maria Madalena; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Susana “e várias outras”, diz Lucas (8,1). Portanto, Jesus nada tinha de machista. E frequentava, em Betânia, a casa de suas amigas Marta e Maria, irmãos de Lázaro.

O primeiro apóstolo foi uma mulher: a samaritana que dialogou com Jesus à beira do poço de Jacó e, em seguida, saiu a anunciar que encontrara o Messias. A primeira testemunha da ressurreição foi Madalena. E ao curar a sogra de Pedro, Jesus demonstrou não associar sacerdócio e celibato. Pedro era casado e nem por isso deixou de ser escolhido como o primeiro papa.

A misoginia é, na Igreja Católica, uma síndrome injustificável, sobretudo se considerarmos que em comunidades rurais e de periferias urbanas são as mulheres que predo-

minantemente conduzem a atividade pastoral. Hoje, felizmente, várias mulheres casadas detêm, inclusive no Brasil, o título de doutoras em teologia.

A teologia de meu confrade Tomás de Aquino data do século XIII e ainda serve de alicerce à doutrina oficial católica. Hoje, requer atualizações, como no quesito mulher, considerada um ser ontologicamente inferior ao homem. Razão pela qual o escravo liberto pode ser sacerdote, a mulher não.

Não há um só caso nos evangelhos em que Jesus tenha repudiado uma mulher, como fez com Herodes Antipas, ou proferido maldições sobre elas, como fez com os escribas e fariseus. Com elas, mostrava-se misericordioso, acolhedor, afetuoso, e exaltava-lhes a fé e o amor.

É chegada a hora de a Igreja assumir o seu lado feminino e abrir todos os seus ministérios às mulheres. Afinal, metade da humanidade é mulher. E a outra metade filha de mulher.

**Frei Beto é escritor e assessor de movimentos sociais*

Se a sua vida for a melhor coisa que já te aconteceu, acredite, você tem mais sorte do que pode imaginar.

Daniel Godri



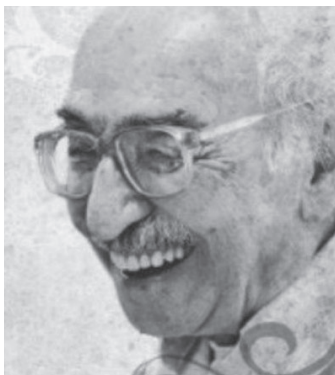
Poema

Sermões e lógicas jamais
convencem, o peso da noite cala
bem mais fundo em minha alma...
... acho cartas de Deus caídas pela rua e
todas assinadas com o nome de Deus, E eu
as deixo onde estão, sei muito bem que
aonde quer que eu vá outras me hão de
chegar pontualmente sempre e por todo o sempre,
... Ora, quem acha um milagre alguma coisa demais?
Por mim, de nada sei que não sejam milagres,..
Cada momento de luz ou de treva é para mim um milagre,
Milagre cada polegada cúbica de espaço,
Cada metro quadrado da superfície da terra...
... E as minhas realidades, então:
que outras serão tão reais quanto as minhas?
Liberdade e divina equidade,
Libertação de todo e qualquer escravo sobre a face da terra,
A arrebatada promessa e o êxtase dos videntes,
O mundo espiritual,
Cantos que têm a duração de séculos,
E as visões nossas - as visões dos poetas,
De todos os anúncios os mais confiáveis.

Walt Whitman
(poeta norte-americano: 1819-1892)
Colaboração de Jorge Leão-MFC-MA



Nascido em Cuiabá em 1916, Manoel de Barros estreou em 1937 com o livro “Poemas Concebidos sem Pecado”. Sua obra mais conhecida é o “Livro sobre Nada”, publicado em 1996.



Cronologicamente vinculado à Geração de 45, mas formalmente ao Modernismo brasileiro, Manoel de Barros criou um universo próprio – subvertendo a sintaxe e criando construções que não respeitam as normas da língua padrão –, marcado, sobretudo, por neologismos e sinestésias, sendo, inclusive, comparado a Guimarães Rosa.

Em 1986, o poeta Carlos Drummond de Andrade declarou que Manoel de Barros era o maior poeta brasileiro vivo. Antonio Houaiss, um dos mais importantes filólogos e críticos brasileiros escreveu: “A poesia de Manoel de Barros é de uma enorme racionalidade. Suas visões, oníricas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor”. Os poemas publicados nesta seleção fazem parte do livro “Manoel de Barros — Poesia Completa Bandeira”, editora Leya. Por motivo de direitos autorais, apenas trechos dos poemas foram publicados.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino

que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água.

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio, do que do cheio.

Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito, porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te
amar por seus despropósitos!

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras fatigadas de informar.

Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz ti-
vesse um formato
de canto.

Porque eu não sou da infor-
mática:

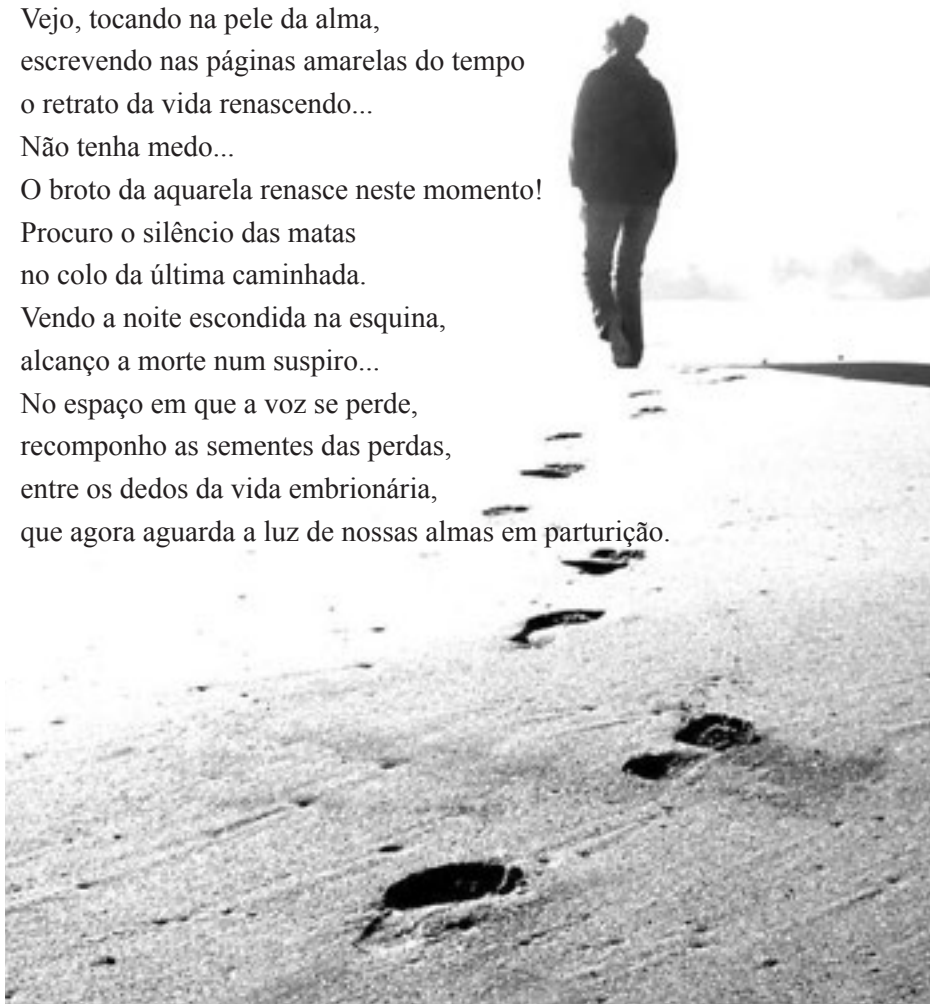
eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para com-
por meus silêncios.



O canto das pegadas

Canto o meu caminho
vendo amanhecer o dia,
na luta dos que adormeceram
entre os espinhos da esperança...
Procuro entre as mãos a poesia
na alma do suspiro último.
Escuto o canto nas árvores,
acreditando nos passos que se vão...
Vejo, tocando na pele da alma,
escrevendo nas páginas amarelas do tempo
o retrato da vida renascendo...
Não tenha medo...
O broto da aquarela renasce neste momento!
Procuro o silêncio das matas
no colo da última caminhada.
Vendo a noite escondida na esquina,
alcanço a morte num suspiro...
No espaço em que a voz se perde,
recomponho as sementes das perdas,
entre os dedos da vida embrionária,
que agora aguarda a luz de nossas almas em parturição.





VAMOS FALAR DE PERTENÇA!!!

Aquele que faz parte, pertence, tem como atribuição, assume uma prioridade em sua vida.

“Pertença não significa apenas pertencer, devemos fazer parte, estar enraizado, estar INTEGRADO E INTERADO, onde o individuo constrói e é construído, planeja e se vê parte de um projeto. Onde modifica e é modificado. Pode ser agente que dá força, dá ânimo, auxilia, suporta o outro, em outra ocasião é que recebe ajuda dos demais. Pertencer também anda ao lado da Fidelidade e da Responsabilidade. ” Milton e Catarina

Pertencer é gerar confiança, e a confiabilidade é um dos elementos mais importantes e essenciais a participar de uma equipe base, um grupo, um movimento. Pertencer e confiar se espelham tanto internamente, no sentimento de solidariedade e irmandade, quanto externamente, através da visibilidade de ações e comportamentos sociais marcados pela singularidade e especificidade das ações comuns que dão vida às equipes base, frente aos demais e à sociedade da qual fazemos parte.

O sentimento de lealdade para com os outros membros da equipe base alimenta e dar vida ao nosso estatuto e regimento interno, isto é, pertencentes a uma comunidade moral onde os valores e hábitos são balizados através da fé depositada ou esperada no outro membro do grupo, no sentido de permitir a confiança e de exercer a confiabilidade necessária à segurança de cada um.

Existe uma relação explícita de “poder confiar e ser alvo de confiança”, isso permite que as pessoas que

pertencem à equipe base, ao grupo, amplie o sentido maior de comunidade, de ter e exercer valores éticos e morais, onde a segurança e a lealdade são condições de apropriação e manutenção de uma prática social e pessoal, assegurando ao coletivo uma leveza de independência em relação aos membros permitindo que cada um se revele como pertencente a este movimento e, através dele, relacionar-se consigo, com outros membros e com os outros agentes sociais de fora do MFC.

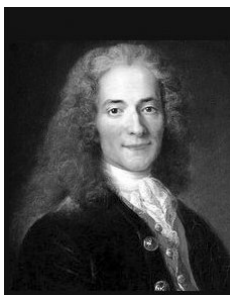
Assim ser crível, viver a confiabilidade, neste trabalho proposto pelo MFC, só pode ser pensado através do conceito de lealdade e pertença. Este, por sua vez, parece requerer as noções de disciplina e segurança como pré-requisitos. As equipes base baseiam sua constituição no nosso código moral segundo o qual a confiança depositada por todos, uns nos outros e no grupo, é fundamental para a existência deste no seu conjunto, como também é imprescindível para a conformação do caráter individual de cada membro.

Não existe disputa dentro do MFC, e se acontece ela é silenciosa porque não é confessada ou não chega a ser

afirmada por cada membro individual das equipes base, o que existe de fato é um processo de alternância objetivando dar vida a sua estrutura organizacional, tendo como premissa a disponibilidade, a disposição, a práxis e o conhecimento sobre o MFC, seus objetivos e carisma, o que existe e dedicação, crença e fé de que todos podemos assumir e participar de todo o processo de governança, sem esquecer que fazemos parte (assim pertencemos) e alimentamos a equipe base.

Muito embora os grupos promovam ações, encabeçadas por seus membros objetivando atender as mais diversas demandas (internas e externas), e estas são consideradas exemplares, servem de espelho e motivação para os demais, multiplicando-se por semelhança e/ou necessidades próximas. Cada membro busca se orientar nas expressões da equipe base, que, por sua vez, se tornam motivo de orgulho para o grupo em geral e são contadas e exteriorizadas por todos como afirmação do ser, participar do MFC, sendo essencialmente um MFCista.

SENFIM – Secretariado Nacional de Finanças



Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las.

(Voltaire)

Programa Nacional de Formação à Distância



Contribuição do Secretariado
Estadual de Minas Gerais

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 3.1 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

BLOCO TEMÁTICO 3

1º MÓDULO

O DESAFIO DA OPÇÃO PELO OUTRO

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Criador e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. (GS - Gaudium Et Spes)

1-Introdução

O amor não deve, em primeiro lugar, ser sentido, mas vivenciado. O problema é que nós absolutizamos nossas opiniões e reduzimos o amor a um sentimento. O amor não é sentimento; o amor tem sentimento, é gostoso sentir o amor e sentir-se amado. Entretanto, os sentimentos são totalmente instáveis e vulneráveis, passam como a brisa da manhã, como um ônibus circular



atrasado ou um arquivo não salvo no computador. Se reduzirmos o amor exclusivamente ao nível do sentimento, com certeza seremos os mais infelizes da terra, pois não teremos solo para o sustento de nossos pés.

O amor é compromisso de existência, comunhão de destinos, opção fundamental e radical pelo outro como fez Jesus de Nazaré por todos nós e nos ensinou no lava-pés

“O amor do ‘lava-pés’ é onde Jesus de Nazaré mostra o exemplo mais concreto de um amor que não se baseava em sentimentos, pois o Cristo teria todos os motivos para abandonar um grupo de amigos que nunca entendia o que dizia, que interpretava sua existência de todos os modos possíveis, mas nunca como existência de entrega.

Quando, ao perceber que sua vida chegava ao enlace final, na

ceia de despedida retira o manto e lava os pés de seus amigos. Ora, tal gesto, no contexto social da época, era exclusividade do subalterno ou, se prefere, do escravo.

O carpinteiro de Nazaré retira o seu manto (manto que é sinal de autoridade) e se faz igual. Talvez devêssemos aprender a amar assim: retirar todos os mantos de autoritarismos que nossa história e cultura nos impõem. Amor é uma relação de iguais que se inserem num contexto de liberdade e de serviço. O jovem Galileu lava os pés dos discípulos e inverte a lógica das relações: ama mais aquele que serve mais.

Você entende o que Jesus de Nazaré diz nos evangelhos e o que espera de você?

2 – Leitura Bíblica

AME AO SEU PRÓXIMO COMO A SI MESMO!

A parábola do bom samaritano:
Lucas 10:25

LEITOR 1: “Um mestre da Lei se levantou e, querendo encontrar alguma prova contra Jesus, perguntou:

LEITOR 2: Mestre, o que devo fazer para conseguir a vida eterna?

LEITOR 3: Jesus respondeu: O que é que as Escrituras Sagradas dizem a respeito disso? E como é que você entende o que elas dizem?

LEITOR 2: O homem respondeu: Ame o Senhor, seu Deus, com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e com toda a mente E ame o seu próximo como você ama a você mesmo.

LEITOR 3: A sua resposta está certa disse Jesus: Faça isso e você viverá.

LEITOR 1: Porém o mestre da Lei, querendo se desculpar, perguntou;

LEITOR 2: Mas quem é o meu próximo?

LEITOR 1: Jesus respondeu assim:

LEITOR 3: Um homem estava descendo de Jerusalém para Jericó No caminho alguns ladrões o assaltaram, tiraram a sua roupa, bateram nele e o deixaram quase morto. Acontece que um sacerdote estava descendo por aquele mesmo caminho Quando viu o homem, tratou de passar pelo outro lado da estrada Também um levita passou por ali Olhou e também foi embora pelo outro lado da estrada. Mas um samaritano que estava viajando por aquele caminho chegou até ali.

Quando viu o homem, ficou com muita pena dele Então chegou perto dele, limpou os seus ferimentos com azeite e vinho e em seguida os enfaixou. Depois disso, o samaritano colocou-o no seu próprio animal e o levou para uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, entregou duas moedas de prata ao dono da pensão, dizendo: Tome conta dele Quando eu passar por aqui na volta, pagarei o que você gastar a mais com ele.

LEITOR 1: Então Jesus perguntou ao mestre da Lei:

LEITOR 3: Na sua opinião, qual desses três foi o próximo do homem assaltado?

LEITOR 2: Aquele que o socorreu! respondeu o mestre da Lei E Jesus disse: Pois vá e faça a mesma coisa”

3 – Comentário

Existem três pontos nessa parábola que são a chave do entendimento do que é verdadeiramente a opção pelo outro(próximo).

1 A pergunta do mestre da lei: “Quem é o meu próximo?”

2 A pergunta do Senhor Jesus: “Qual dos três foi o próximo do homem assaltado?”

3 A resposta do mestre da Lei: “Aquele que o socorreu”

Quando servimos alguém nós nos tornamos o próximo dessa pessoa. Dessa maneira, qual a dificuldade que alguém terá para amar o seu próximo?

Qual a dificuldade que você teria em amar alguém que o ajudou, que se importou com você?

Viu como é fácil obedecer aos mandamentos de Deus?

Olhando as coisas por essa ótica torne-se amável, torne-se o próximo de alguém e ajude-o a cumprir o mandamento de Deus. Veja como essa palavra dá um golpe mortal na ingratidão. Considerando que nosso Senhor nos manda amar até mesmo os inimigos, como então se torna forte o mandamento para amar os amigos, aqueles que nos socorrem, tais como o pai, a mãe, o patrão, o pastor, o professor, o policial, o lixeiro, o rapaz da companhia de água, de luz, de telefone, o repórter que se dispõe a me dar notícias, enfim, todos aqueles que de alguma forma nos servem e fazem com que nós sejamos quem somos.

Contudo, não fique esperando que alguém ame você. Torne-se amável e ame, ame ao seu próximo como a si mesmo.

4 - O samaritano de nossos dias

O personagem central do texto não é o samaritano, mas a pessoa ferida, chamada de um homem, sem nome, sem amigo, sem casa, sem emprego, sem identidade, ou seja, o outro.

Mover-se para o outro lado e aproximar-se voluntária e gratuitamente do ferido, sem que ele tenha pedido e com o qual não se tem nenhum tipo de vínculo, significa entrar na estrada e no mundo do outro, em outras palavras, significa fazer-se próximo do outro.

Em efeito a proximidade é o resultado de uma ação, de uma aproximação, e não uma proximidade física ou cultural. O motivo que move sua ação não é a compaixão mas a gratuidade do amor e o respeito à dignidade que todo homem merece, e não tanto o cumprimento de um dever frio e exterior.

Portanto, a opção preferencial pelos pobres significa entrar no mundo do pobre, que não é apenas viver e trabalhar com e por eles, mas pensar e agir a partir da ótica deles. Contudo, isso pressupõe mudança que o Evangelho chama de conversão (metanoia), deixar uma estrada e pegar outra, mudar a rota e seguir a norma de conduta dada por Jesus: “vá, e faça a mesma coisa” (Lc 10,37).

A opção preferencial pelos pobres comporta três dimensões: espiritual, teológica e evangelizadora. Espiritual porque diz respeito ao seguimento de Jesus (sequela Christi): elemento central da espiritualidade cristã e, portanto, a raiz e o sentido último da opção preferencial pelos pobres. A solidariedade concreta com os pobres é, portanto, fonte de espiritualidade e itinerário pessoal e coletivo para Deus. Teológica porque a realidade tão cruel da humanidade que vive numa condição sub-humana é uma questão teológica. A dimensão evangelizadora se dá quando damos uma resposta positiva ao chamado de Jesus de Nazaré e nos tornamos discípulos que anuncia o reino de Deus.

5 – Atualizando a Palavra

Jesus teve dificuldade de fazer com que o entendessem. Ainda hoje podemos ter essa mesma dificuldade. Não temos tempo para saborear e entender a palavra de Deus, pois nossas preocupações podem estar sobre outras realidades.

Será que não ficamos falando tantas coisas que não são tão importantes ou fundamentais.

Por isso, a dinâmica de Jesus é muito importante: sentou-se, chamou mais perto, tomou a criança como exemplo... Sempre vai educando os discípulos sobre que tipo de messias é e como quer que sejam os que se dispõem a segui-lo. O evangelho é um contínuo ensinamento, mas a cegueira dos discípulos persiste. Quem quiser segui-lo deve dispor-se a servir.

Assim como no tempo de Jesus, o interesse de saber quem é o maior toma conta de muitas rodas de conversação e orientam as ações de muitas pessoas hoje, determinando as prioridades e os investimentos.

Neste dia, cabem as perguntas: em que estamos investindo nosso tempo, nossas energias, nosso dinheiro, enfim, nossa própria vida?

Em realidades passageiras que, aparentemente, podem ser impor-

tantes, pois vivemos em uma sociedade capitalista e imediatista, ou em ações que conscientemente constroem pessoas, famílias e um mundo que proporcione o prazer de uma vida integral.

Jesus nos convida a abandonarmos nossos sonhos egoístas e orientarmos nosso agir para a presença de sua proposta.

No Reino de Deus não há uma escala hierarquizada de pessoas que possam ser umas mais importantes que as outras, mas há uma proposta de amor que se realiza no próximo. Algo difícil para nossos dias. O próximo, neste caso, está simbolizado pela criança que é sinal dos que são os últimos.

Assim, a proposta de Cristo deve começar pelos que são últimos: os sem direitos, os fracos, os pobres, os indefesos, os facilmente manipulados, tal como eram as crianças em seu tempo.

O MAIOR É AQUELE QUE AMA E SERVE.

Bibliografia

1 - Antônio Cirilo. www.santageracao.com.br

2- José André de Azevedo -Filósofo, Teólogo e Palestrante



Ensinar-me-ás o caminho da vida, cheio de alegrias em tua presença e delícias à tua direita, perpetuamente.

Salmo 16,11